

A LITERATURA EMIGRANTE PORTUGUESA NA CALIFÓRNIA

por
EDUARDO MAYONE DIAS *

1. *Literatura Emigrante, Literatura Emigrada e Literatura Étnica*

A primeira preocupação no estudo de uma produção literária de emigração deverá ser definir os seus limites. A pergunta «O que é literatura de emigração?» poderia responder-se que em termos gerais seria factível considerar três níveis separados, independentemente da língua em que esta literatura é produzida. Em primeiro lugar estaria aquilo a que se poderia chamar literatura emigrante, aquela que traduz a marca directa ou indirecta de uma mutação vivencial. Por literatura emigrada entender-se-ia a criada por autores transplantados mas não afectada — ou minimamente afectada — pela nova ambiência. E finalmente por literatura étnica é habitual compreender-se a escrita por descendentes de emigrantes, cónscios da sua especificidade cultural dentro do país de acolhimento.

Torna-se no entanto logo óbvio que qualquer tentativa de sistematização desta literatura resulta susceptível de contro-

* Da Universidade da Califórnia. Los Angeles.

vérsia. O Prof. Francis M. Rogers, por exemplo, define literatura imigrante portuguesa — o que seria dizer emigrante, sob outro ângulo de focagem — como aquela que é «written in their native language bS recent immigrant writers who are, for the moment at least, transplanted Portuguese ...»¹ A definição revela-se restritiva em três aspectos, de certo modo inter-relacionáveis. Em primeiro lugar não parece muito válido limitar a expressão à do idioma pátrio. Existem sem dúvida legítimas razões para que a vivência emigrante seja expressada na língua de adopção, como sejam a acessibilidade a um público mais lato ou a incapacidade de aplicar o conhecimento linguístico nativo a um determinado sector de experiência vital². Por outro lado, não se vê de um modo claro por que motivo a duração do período migratório resulte determinante do carácter da produção literária, a menos que se concluisse que uma longa aculturação levaria necessariamente a uma integração linguística — o que a observação directa faz constatar não ser verdadeiro. Finalmente o conceito de transplantação afigura-se de certa maneira quase redundante, a admitir a anterior cláusula da brevidade da presença no novo país.

A segunda categoria, a da literatura emigrada, incluiria, para além da produção pré-migratória de autores radicados em terra estranha, toda aquela em que, os novos condicionamentos não exerceram influência sensível. Outra vez aqui nos deparamos com uma categorização discutível, já que a referenciação dos parâmetros desta literatura terá que resultar sempre algo precária. Até que ponto, de facto, será possível

¹ Francis M. Rogers, «The Contribution by Americans of Portuguese Descent to the U.S. Literary Scene», *Ethnic Literature Since 1776: The Many Voices of America*, Part II, Proceedings of the Comparative Literature Symposium, Texas Tech University, Vol. IX, Lubbock, Texas: 197, pp. 409-432.

² Este aspecto será retomado na secção do presente trabalho intitulada «Duas Obras Auto-biográficas e Outra Prosa».

concluir se as vivências pré-migratórias estão ou não sendo condicionadas por uma óptica post-migratória?

A literatura étnica representa já uma atitude mais apercebível. Nela a tradição cultural transmitida é analisada sob padrões mentais resultantes do processo formativo adquirido no novo ambiente. A experiência descrita terá pois que resultar substancialmente distinta da vivência migratória³. Contudo, no seu artigo «Portuguese-American Literature: Does it Exist? — The Interface of Theory and Reality in a Developing Literature»⁴, Nancy T. Baden acaba por reconhecer não ser possível estabelecer uma delimitação rigorosamente rígida entre literatura imigrante e literatura étnica.

Na medida em que for permitido alcançar este objectivo, o presente trabalho pretende destacar as características da literatura emigrante portuguesa na Califórnia, mais do que as da emigrada. A produção mais enfatizada será pois a que se revele condicionada pela circunstancialidade migratória, quer se trate de obras inspiradas de modo linear pela nova ambiência, quer de evocações do passado através dos prismas culturais do presente, por conseguinte uma visão catalizada por essa mesma ambiência. Por outras palavras, a literatura possibilitada pela diáspora, a que não teria sido concebível antes.

³ No caso da Califórnia, uma discussão sobre este nível seria irrelevante pois que até agora não surgiu qualquer significativo indício de um tratamento literário da problemática dos luso-descendentes.

⁴ Nancy T. Baden, «Portuguese-American Literature: Does It Exist? — The Interface of Theory and Reality in a Developing Literature», *Melus*, Vol. 6, no. 2, 1979, pp. 15-31.

2. *A Literatura Portuguesa nos Estados Unidos:
Realmente Existe?*

A pergunta foi lançada por Nancy T. Baden no artigo mencionado na secção anterior. Depois de se referir à presença cultural portuguesa nos Estados Unidos e à recente consciencialização da comunidade, que acabou por consolidar um maior interesse pelas coisas lusas, escreve:

As a result, there is a natural tendency to take the Portuguese-American experience as reflected in imaginative literature and, for the sake of convenience, label the few existing works as Portuguese-American literature as if they constituted a full-fledged ethnic literature within the American scene. As students of literature and literary history we must remain aware of the pitfalls of using this type of nomenclature without having surveyed the existing corpus. Therefore, I pose the question: Does Portuguese-American literature exist? Does this body of work constitute a literature within the ethnic literature framework as does the Italian-American or Chicano literature or any of many others that might be mentioned? ⁵

As perplexidades são perfeitamente justificadas mas, como as próprias palavras da Prof.^a Baden implicam, as respostas terão de se basear numa prévia definição do conceito discutido. Em princípio, naturalmente, a resposta à pergunta «Existe?» só pode ser afirmativa. É um facto irrefutável que desde pelo menos a viragem do século se tem materializado um corpus de escritos tocados por decididas inflexões emigrantes. Seria contudo oportuno perguntar se esta produção se poderá licitamente classificar como literatura na acepção mais clássica do termo. É evidente que o conjunto de escritos denotadores de uma sensibilidade portuguesa produzidos em terras norte-ame-

⁵ *Idem*, p. 15.

ricanas se encontra ainda em estado pouco mais que fetal — e seria toda uma outra questão o prever se este estado se poderá futuramente superar. Nas suas grandes linhas trata-se de uma produção semi-erudita ou francamente popular, com frequência carente do mais elementar domínio das técnicas literárias. Não por isso, no entanto, deixa de ser literatura num sentido liberal da palavra. Pese às suas deficiências segundo os padrões estéticos convencionais, revela-se altíssimo o seu valor como expressão de uma experiência humana.

É esta a tónica que Maria Angelina Duarte defende no seu trabalho intitulado «Portuguese Cultural Presence in the U.S. — The Problems of Definition»⁶, onde aponta a tendência das comunidades portuguesas nos Estados Unidos para infraestimar a sua produção literária (e cultural) e por consequência retardar o seu desenvolvimento. Segundo a Prof.^a Duarte, esta óptica, condicionada por um sistema tradicional de valorização, leva a uma reduzida contagem do material produzido. Este estudo menciona também o reservatório potencial de literatura que um levantamento dos jornais de emigração poderia proporcionar, assim como o constituído por manuscritos ignorados.

No que diz respeito a outro ponto de discussão sugerido por Nancy T. Baden, o da possível equiparação a outras literaturas de minoria étnica, há que reconhecer que a portuguesa não se lhes pode comparar, quanto amis não fosse pelo facto de não ter ainda atingido — se é que alguma vez o atingirá — o nível da literatura ficcional de segunda geração que encontramos, entre outros, nos mencionados grupos italo-americano e mexicano-americano. Mesmo admitindo, quase por absurdo, que a paralelização seria válida a níveis tão desencontrados, as conclusões revelar-se-iam muito desfavoráveis para o lado português, tanto no aspecto quantitativo como no qualitativo.

⁶ A ser brevemente publicado na revista *Ideologies & Literatures*, da Universidade de Minnesota.

A exiguidade e a falta de sofisticação da literatura portuguesa emigrante são pontos que os seus — pouquíssimos — críticos têm acentuado. Num outro artigo publicado na revista *Gávea-Brown*, Nancy T. Baden apoia-se inclusivamente nestes dois pontos para pôr em questão a oportunidade de uma análise sistemática desta literatura:

In fact, after looking at Portuguese-American literary production one might well question the validity of studying this literature in its present state of development. While one cannot doubt the sincerity of expression, the quantity is small and the quality is often questionable⁷.

O anquilosamento da literatura portuguesa nos Estados Unidos é também apontado por Onésimo Teotónio Almeida⁸ e por ele explicado como resultante de um público leitor proveniente na sua maioria das camadas sociais menos privilegiadas tanto no aspecto cultural como no económico e até de um núcleo de autores oriundos destas mesmas camadas. Por outro lado, continua, a disseminação destas obras é prejudicada pela ausência de circuitos de distribuição e publicidade adequados⁹.

As limitações postas nestas duas críticas remetem de novo à definição da área abrangida pela literatura de emigração.

⁷ Nancy T. Baden, «Portuguese-American Literature: An Overview», *Gávea-Brown*, Vol. I, no. 2, Julho-Dezembro de 1980, p. 39.

⁸ Onésimo Teotónio Almeida, «Literatura Luso-Americana: De um Passado Curto para que Futuro?», palestra pronunciada na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, a 10 de Novembro de 1979, durante a 77.ª reunião anual da Philological Association of the Pacific Coast. Onésimo Teotónio Almeida tem tido um papel inovador na exploração de novas possibilidades da literatura luso-americana. Deve-se a ele a cunhagem do termo «LU.S.A.lândia», designador do mundo português nos Estados Unidos.

⁹ Nancy T. Baden pergunta se: «The real question for the study of the Portuguese-American contribution is why so little and so late?», («Portuguese-American Literature: An overview», *op. cit.*, p. 37).

Haveria que repetir que, se o critério selectivo adoptado for o convencional, o da literatura «educada», as observações são indubitavelmente justas. Contudo, se o estudioso se decidir por um conceito dotado de maior elasticidade e estiver disposto a admitir como literatura toda a expressão artística, por mais elementar que se evidencie, que se apresente como produto da emigração ou até, mais especificamente, que aborde a sua problemática, verá então que a quantidade não é tão reduzida como à primeira vista se poderia afigurar. Aliás, e na continuação da pista indicada por Maria Angelina Duarte, é conveniente sublinhar que a literatura popular conhecida constitui muito plausivelmente apenas a ponta emersa do *iceberg*. Foi por puro acidente que alguma dela foi detectada e considerada mesmo digna de chegar à página impressa¹⁰. Não seria pois de estranhar que um vasto repositório de literatura «submarina» exista no seio da comunidade nos moldes da que até agora foi encontrada, decerto também ingénuas produções, por vezes anónimas, copiadas em cadernos linhadados com lombadas cosidas à mão, abundantes em coloquialismos e faltas de ortografia, mas denotando uma emocionante sensibilidade em relação à mundividência que reflectem¹¹.

3. *A Experiência Californiana:* *Pano de Fundo para uma Literatura*

Excluindo episódicas e mal documentadas passagens de portugueses por terras californianas durante o período de exploração e colonização pelos espanhóis, o início de um verdadeiro

¹⁰ Ver por exemplo Eduardo Mayone Dias, *Cantares de Além-Mar — Uma Colectânea de Poesia Vivencial Popular de Emigrantes Portugueses nos Estados Unidos*, Coimbra, 1962.

¹¹ Donald O. Warrin, num artigo pioneiro, «A Presença Portuguesa na Literatura da Califórnia», *Report, First Symposium on the Portuguese Presence in California*, Oakland, 1974, chega ao ponto de aventar a hipótese de esta produção dever ser considerada como sublitteratura (p. 20).

processo migratório só poderá ser razoavelmente fixado a partir da terceira década do século XIX¹². Contudo, desde então até ao começo da Corrida ao Ouro, em 1849, apenas se torna possível referenciar a fixação de cerca de uma vintena de homens. Com a exploração do ouro vem uma emigração maciça, que acaba por se consolidar em actividades adjacentes à mineração, sobretudo a agricultura (e a horticultura), a avicultura, a pecuária e o pequeno comércio. Com o decorrer dos anos a presença portuguesa vai-se disseminando desde a região aurífera e a zona da Baía de San Francisco, sua base de apoio. Estabelecem-se núcleos piscatórios (incluindo postos de baleagem) por todo o litoral, proliferam as fazendas e «leitarias» (vacarias), sobretudo no Vale de San Joaquín e, em anos mais recentes, constituem-se comunidades urbanas de trabalhadores não-especializados ou semi-especializados. O acesso às profissões liberais e as actividades mercantis revela-se escasso.

Tal como aconteceu na Nova Inglaterra e no Hawaii, os primórdios da fixação portuguesa na Califórnia encontram-se estreitamente associados à baleagem de alto mar¹³. Na segunda metade do século XIX cerca de um terço das tripulações dos baleeiros americanos era recrutado nos Açores e em Cabo Verde. Frequentemente desertando nos portos de matrícula, os açorianos constituíram os primeiros núcleos emigrados significativos. As indicações existentes sobre os mais antigos portugueses da Califórnia revelam do mesmo modo uma forte participação insular. Todo um mecanismo de atracção familiar fez

¹² O primeiro emigrante documentado, António José Rocha, desertou em 1814 ou 1815 de um barco inglês em Monterey. Os dois emigrantes seguintes chegaram, ao que se sabe, em 1822. Ver Eduardo Mayone Dias, «Os Primeiros Portugueses na Califórnia», *Aresta*, no. 3-4, Janeiro de 1982, pp. 36-39.

¹³ O alistamento num navio baleeiro constituía um processo económico de chegar à costa do Pacífico. Uma vez em São Francisco, as deserções eram bastantes comuns.

com que ainda hoje a gente dos Açores constitua provavelmente mais de 90 % da comunidade lusitana nesta zona.

A severa ética de trabalho do emigrante açoriano que, pelo menos no período inicial de fixação, quase anula os tempos livres, assim como o isolamento físico de muitos que residem em zonas rurais e as limitações impostas pelos padrões culturais trazidos de além-Atlântico enquistam-no num estreito círculo social limitado a familiares e raros amigos. A incapacidade, mais psicológica que linguística, de contactar com o meio americano aliena-o em relação às circunstâncias presentes e fá-lo refugiar-se nos padrões ancestrais. A ideia do retorno às ilhas torna-se uma constante, em alguns casos obsessiva. O retorno definitivo raramente se tenta e mais raramente ainda resulta numa harmónica readaptação. A romagem de saudade, contudo, torna-se um ritual praticado sempre que viável.

O emigrante enfrenta-se pois à dicotomia de um presente materialmente cómodo mas espiritualmente frustrante. A solução é a tentativa de evocar um passado insular de que os aspectos negativos foram mutilados e, na medida do possível, reconstruir o estilo de vida desse passado dentro das estruturas de adopção. «A saudade é uma constante na forma de viver do açoriano emigrado» repetiu-se na epígrafe de um programa de rádio português do Sul da Califórnia, hoje desaparecido. O tradicionalismo, por vezes levado mesmo até um certo dogmatismo, surge como a inescapável consequência desta herança cultural. Relutante a aceitar câmbios, o emigrante vê-se afastado emocional e racionalmente dos seus filhos, mais permeáveis ao hoje-aqui, desejosos de se integrarem nos valores da nova sociedade e do seu nível etário e muito mais atentos que os pais à vida extra-comunitária.

Apesar das constantes rivalidades de pessoas e grupos — muito concebível transplantação de tradicionais antagonismos islenhos — a comunidade revela uma considerável homogeneidade de atitude. Predominam sólidos princípios de honestidade, de acatamento à lei e de aplicação ao trabalho. A lealdade à terra de origem petrifica-se em postulado. O sentimento religioso

revela-se quase geral. O alheamento em relação ao sector anglo é em parte estranheza e em parte timidez. São estas formas de comportamento, marcadas por uma rígida linearidade, as que inevitavelmente se irão reflectir numa literatura de arranque telúrico, raras vezes distanciada do objectivo e do quotidiano.

4. O «Portenglish», língua franca da diáspora americana

Ao enfrentar-se como uma nova realidade o emigrante vê-se na contingência de ter de aceitar uma nova linguagem que a traduza. Embora retendo a quase totalidade dos padrões fonéticos, sintácticos e léxicos do seu falar de origem, o contacto com elementos que ele não sabe conceptualizar de forma mais original leva-o a adoptar ou adaptar termos alienígenas. Estes ajustes aplicam-se tanto a componenets vivenciais desconhecidos como a outros que se revistam de um aspecto diferente no país de adopção. O emigrante chegado dos Açores nas primeiras décadas do século emprega por exemplo os termos «mechim» e «televeijo», enquanto que o mais jovem, vindo com maior exposição a avanços tecnológicos, prefere os vocábulos «carro» e «televisão». Quanto ao caso do elemento conhecido mas revestido de facetas menos familiares e por consequência passível também de adaptação, poderia apontar-se o exemplo de um estabelecimento com que o recém-chegado entrará imediatamente em contacto, aquele onde vai adquirir a sua alimentação. Um vasto supermercado americano revela-se drasticamente diferente de uma pequena mercearia de zona rural, ainda que ambos cumpram a mesma utilitária função. Passa pois a ser designado por um termo distinto, «estoa» ou «marqueta», do inglês *store* e *market*. O que lá se compra, em grande parte produtos empacotados, enlatados ou congelados, não corresponde também à visão dos artigos pesados, medidos e contados da experiência anterior e passa por consequência

a ser referido por um novo vocábulo genérico, «grosserias» ou «groçarias», de *groceries*.

Afigura-se crível que a cunhagem destes termos se possa em parte atribuir ao luso-descendente. Dominando em absoluto o inglês mas tendo herdado — e intensificado mesmo — certas carências linguísticas dos pais, vê-se na necessidade de recorrer ao termo inglês e adaptá-lo foneticamente ao português para se poder comunicar com o emigrante. Outra via será a do trabalhador mais aculturado, capaz de contactos com patrões ou capatazes americanos, que por si só manipula a terminologia aprendida até uma versão integrável em mais cómodos padrões linguísticos nativos. Seja qual for o método de génese e transmissão, o caso é que mesmo o recém-chegado lança logo mão ao «emigrês» de variante americana para suprir as suas lacunas de verbalização. Trata-se naturalmente de um processo urgente, em simultaneidade com as primeiras exigências da actuação diária. Veja-se outro exemplo: nas «leitarias californianas um grupo de trinta vacas é designado pelo termo *string*, logicamente desprovido de qualquer equivalência no vocabulário do ordenhador açoriano, habituado a tratar apenas de um máximo de cinco ou seis animais, mas sem dúvida de utilização imprescindível logo no primeiro dia de trabalho. Não será portanto difícil imaginar como desde os tempos mais recuados do trabalho de ordenha se recorreu à tradução forçada, assentando em uma pura assimilação fónica: «estrim».

A aproximação fonética pode por vezes resultar numa dualidade semântica em relação a outro termo vernáculo: «mapa» (esfregão do solo, de *mop*), «paio» (tarte de frutas, de *pie*) ou «frisar» (congelar, de *freeze*)¹⁴. Este processo

¹⁴ Robert Costa, no seu artigo «Um Estudo sobre a Linguagem dos Emigrantes no Vale de San Joaquín, Califórnia», *Jornal Português*, 19 de Maio de 1977, estabelece uma distinção entre anglicismo (adaptação fonética) e empréstimo (adaptação semântica).

chega a conduzir a formações algo dúbias¹⁵ ou até abertamente obscenas mas utilizadas com a maior inocência e naturalidade nos círculos de emigração. O falar luso-californiano caracteriza-se igualmente por uma série de bordões ingleses intercalados no discurso português, tais como «xoa» (*sure*), *Oh boy, I mean, so* ou *you know*.

É de aceitar que a utilização desta variante represente para o emigrante a medida da sua adesão ao estilo de vida americano:

Linguisticamente o imigrante açoriano enfrenta um problema curioso ao chegar à Califórnia: a reaprendizagem do seu próprio idioma da boca dos seus próprios compatriotas. A rapidez com que começa a usar o português da Califórnia constitui um ótimo exemplo de adaptação à nova realidade, como também uma escala com a qual se pode medir a perda ou redução da sua cultura nativa¹⁶.

Além da anglicização ocasional, é de notar não ser de todo insólito que dois emigrantes conversem entre si em inglês. A consciência das suas deficiências de expressão ou do regionalismo do seu falar está quase infalivelmente presente quando um emigrante contacta com um compatriota de cultura supostamente superior. O uso do inglês poderá assim representar uma fórmula de compromisso, já que as carências linguísticas passam a ser mais justificáveis na língua estranha.

¹⁵ Uma senhora emigrante, aludindo ao facto de a filha estar empregada e ao mesmo tempo fazer três disciplinas (*subjects*) num curso nocturno, escreveu numa carta para os Açores qualquer coisa como «A minha filha anda muito cansada porque trabalha todo o dia e ainda por cima tem três sujeitos cada noite».

¹⁶ Francisco Cota Fagundes, «O Falar Luso-Americano: Um Índice de Aculturação», *Report, First Symposium on the Portuguese Presence in California, op. cit.*, p. 8.

5. *A literatura da emigração portuguesa na Califórnia:
aspectos gerais*

A literatura que os emigrantes portugueses vêm criando na Califórnia desde a charneira do século apresenta nas suas grandes linhas de conduta um valor mais marcadamente sociológico que estético, como atrás se insinuou já. Trata-se de facto de uma produção amiúde resultante da experiência emigrante imediata ou do impacto que essa experiência exerce de modo indirecto sobre a sensibilidade do autor. As duas facetas predominantes emergem pois como o testemunho crítico e a nostálgica evocação do antigamente. O tratamento da actualidade migratória reveste-se com frequência de tonalidades pessimistas, condicionadas por certo pelo alheamento cultural e emocional que desde então até hoje se tem erguido como intransponível barreira entre o desenraizado e a sua nova ambiência. Nas primeiras etapas da emigração o pessimismo poderia também explicar-se pela extrema dureza das condições de vida. No relativamente próspero e confortável hoje-em-dia da emigração são apenas factores espirituais os que emprestam tons mais escuros ao desabafo escrito. Só em tempos recentíssimos é que dois ou três autores começaram a lançar olhares observadores sobre a circunstancialidade californiana. Nos mais antigos assoma uma quase absoluta indiferença por aquilo que os rodeia para lá de um apertado círculo existencial. No máximo acha-se uma leitura «miópica» do exterior. Em muitos casos, contudo, mesmo quando narra a actualidade, o autor parece escrever num vácuo espacial e temporal, revelador de uma quase absoluta incapacidade de relacionamento com horizontes mais largos. Por outro lado o constante martelar no tema da saudade, com o seu implícito corolário de um juízo de valor favorável ao que ficou, sem dúvida ilustra, também muito explicitamente, o desfasamento do emigrante em relação ao *habitat* social em que — em parte — se inseriu. De certo modo trata-se de uma atitude imperfeita, na medida

em que ignora o reverso da medalha. Seria razoável afirmar que na quase totalidade dos casos foram motivações económicas as que levaram à deslocação e que, de um modo geral, se concretizaram no país de acolhimento os anseios de um melhoramento material. O êxito obtido deveria em princípio encaminhar a sua auto-satisfação, a uma certa dosagem de orgulho mesmo. Contudo tal nota está virtualmente ausente da quase masoquista literatura da diáspora, de preferência inclinada para o lamento pela perda do passado. O choque entre o antes e o agora, componente essencial da dinâmica da literatura do exílio, traduz-se pois em termos de um quase maniqueísmo.

Encarada no seu total, a escrita emigrante denota parâmetros relativamente modestos, resultado das carências ideológicas e técnicas de muitos dos seus autores. A falta de diversidade de abordagem e problemática — quase se poderia falar mesmo na monotemática da angústia — revela uma severa estreiteza de opção, aliás consolidada pela herança do lirismo tradicional, poular ou semi-erudito, da novela barata e do mau jornalismo. O fundo cultural dos escritores emigrantes chegados à Califórnia nas primeiras décadas deste século está lucidamente caracterizado nas seguintes palavras do Prof. Donald Warrin:

Chegavam jovens, ainda nos anos formativos, nos seus 15, 16, 19 anos, boa parte da formação intelectual ainda por fazer. Levavam consigo, na sua bagagem literária, um estilo e uns conceitos já ultrapassados nos meios artísticos mais *au courant*, do continente. Iam por assim dizer de um isolamento para outro. Trocavam um horizonte limitado por outro, materialmente de maior promessa, mas intelectualmente quiçá ainda mais circunscrito ¹⁷.

¹⁷ Donald Warrin, «Alfred Lewis — Romance e Poesia em Dois Idiomas», *Arquipélago*, III, Janeiro de 1981, p. 59. O passadismo da literatura de emigração nos Estados Unidos em geral é também apontado por outro professor universitário:

«In general, Portuguese immigrant literature seems to lag behind in time. It usually is very conservative, parochial, conventional,

A situação entre autores de gerações mais próximas não diverge substancialmente da acima exposta. Arribados muitos deles à Califórnia na primeira adolescência, egressados de escolas e universidades americanas, não puderam jamais alcançar uma sólida familiarização com a cultura portuguesa, em especial com as suas correntes mais modernas. O tradicionalismo continua pois a estar presente, embora vários se abalancem um pouco mais ousadamente a experimentalismos formais. Também quanto a estes se podia referir o isolamento intelectual a que alude Donald Warrin. Tanto no caso de ontem como no de hoje — ainda que novas perspectivas se estejam já começando a concretizar — o incipiente escritor vai encontrar uma palavra escrita de expressão portuguesa constituída por pouco mais que o jornal de emigração, tantas vezes elaborado em circunstâncias alheias a todo profissionalismo e com um nível conceptual e linguístico extremamente pobre. O que conta pois como motivação catalizadora de qualquer actividade literária é a residual aportação trazida dos primeiros anos conscientes na pátria. O exemplo local não dispõe igualmente de grandes possibilidades de frutificar, admitindo mesmo que contenha um gérmen inovador. Muita da literatura de emigração revela-se necessariamente uma produção de gaveta. Manietados pela sua incapacidade de atingir fisicamente o seu público potencial, aliás já de si reduzido, pela falta de acesso a um mecanismo eficaz de divulgação, muitos dos autores mantêm-se numa fase de crisálida até que algum raro investigador mais interessado venha romper o casulo. Ao nível da poesia popular

and quite often gives the impression that time has stopped. On reading certain authors, one feels as if one were reading nineteenth century material, dating from the later romantic generation in Portugal (prior to 1870). The themes, the ideas, the sentimental mood, the form of that literature all remind me of that specific period».

(Mário J. B. Raposo, «Commentary, *Gávea-Brown*, Vol. I, no. 2, Julho-Dezembro de 1980, p. 44).

o estado de crisálida só episodicamente será superado. Para as outras produções, as da literatura mais «educada», quase as únicas saídas são uma esporádica aparição num jornal local de expressão portuguesa ou o reconhecimento concedido por um concurso literário anual, promovido pelo Prof. Fausto Avendaño, da Universidade Estadual da Califórnia, em Sacramento, e patrocinado pela Luso-American Education Foundation. Em casos que certamente não ultrapassam a meia dúzia tem sido possibilitada a disseminação em forma de livro.

A literatura emigrante está pois marcada por uma considerável dispersão. Difícil será encontrar mais de dois ou três autores que apresentem uma obra compacta. O caso mais comum é o do escritor a quem apenas se pode atribuir um magro punhado de poemas. De facto dá a impressão de que na maioria dos casos a literatura, em especial a poesia, constitui uma actividade ocasional, a que se deita mão apenas para registar algum sentimento ou vivência mais vigorosos. Entre os autores detecta-se uma nítida clivagem. Os que produzem poesia popular ou prosa auto-biográfica são usualmente pessoas de certa idade, com limitadíssima preparação académica e que se ocupam — ou começaram por se ocupar — em trabalhos de tipo manual. Um outro estrato de poesia, de maior cerebralização e refinamento de forma, provém de uma geração mais jovem, emigrada nos primeiros anos formativos e que, tendo completado a sua educação na Califórnia, se dedica na quase totalidade a actividades pedagógicas.

Pese à falta de sofisticação técnica antes referida, uma impressão imediata que a literatura de emigração transmite é a funda sensibilidade artística de qualquer nível da comunidade e a patente dimensão humana que essa sensibilidade se mostra capaz de transmitir¹⁸. Tanto nos mais raros casos de

¹⁸ Esta sensibilidade verifica-se igualmente através da extrema receptividade à forma rimada, como o pode testemunhar, para dar apenas um exemplo, a vigência do romanceiro entre os emigrantes, sobretudo os chegados em idade adulta.

prosa como na relativamente abundante poesia geradas pelo traumatismo do arrancamento aos padrões ancestrais, seja qual for o grau de mestria denotado pelos autores, a emoção está sempre presente, mesmo quando motivada pelas coisas singelas do dia-a-dia. Trata-se sem dúvida de uma literatura de coração, que não de intelecto. A expressão do sentimento, para além do seu valor intrínseco, revela-se aliás também altamente explicitadora das idiossincracias do grupo e permite uma significativa penetração na sua problemática mais íntima.

6. *A lírica da saudade: Guilherme S. Glória, Arthur V. Ávila, Vasco B. Massa e Alfred Lewis*

A faceta da literatura de emigração mais abertamente arreigada à tradição literária importada é constituída por um ciclo de poesia saudosista em moldes singelos, quase monócórdica na sua nostálgica evocação da vida deixada para trás. Não pelo facto de voltar deliberadamente as costas ao imediatismo do desterramento, deixa ela de ser poesia de emigração. O afastamento, ainda que tangente invisível, representa a sua determinante, a motivação do seu perspectivismo. Quando muito poder-se-lhe-ia chamar poesia indirecta da emigração.

Não quer isto dizer, contudo, que o fenómeno migratório directo esteja absolutamente ausente desta poesia. Como não poderia deixar de acontecer, já que a lírica da saudade reflecte um circunstancialismo real, a visão do passado açoriano não exclui os factores da presença do emigrante regressado ou do anseio de partir. De certo modo, no espelho retrovisor desta produção, assomam portanto não só os lampejos do que ficou para trás como prenúncios do que está para vir.

Não é apenas no seu fundo que esta manifestação poética acusa uma clara dosagem de passadismo. A forma igualmente acentua o desfasamento em relação a correntes mais contemporâneas. Composta na sua quase totalidade entre os anos

20 e os 70, portanto nesse meio século em que a poesia portuguesa rompeu através de tantos experimentalismos, a produção destes quatro autores aferra-se a modelos finisseculares na sua reverência por uma ossatura consagrada pelo post-romantismo e por uma nítida timidez e até um confrangedor convencionalismo na sua imagética. Dada a formação artística — ou a sua falta — destes quatro autores, outra coisa não seria aliás de predizer. Neste aspecto não se revelam casos anómalos. O conservadorismo estético, sem falar já do ideológico, emerge como denominador comum de quase toda a literatura de expressão ou sensibilidade portuguesa produzida em terras da Califórnia.

Dentro desta linha ressalta, como autêntico pioneiro da literatura emigrante, Guilherme da Silveira Glória. Nascido em 1863 na Candelária, Ilha do Pico, frequentou o Seminário de Angra do Heroísmo e aí obteve autorização para continuar os seus estudos no St. Thomas Seminary, em Mission San José (hoje a cidade de Fremont). Ordenado em 1885, fundou a igreja portuguesa de S. José, em West Oakland, e esteve à frente de várias paróquias na zona da Baía de San Francisco. De 1894 a 1896 desempenhou as funções de director do jornal *O Amigo dos Católicos*, publicado na cidade de Hayward. Dirigiu depois *A Liberdade* desde a sua fundação em 1900 até ao ano de 1937¹⁹. Tendo abandonado os seus votos, constituiu família na

¹⁹ Guilherme S. Glória não conseguiu — ou não tentou — esquivar-se às acérbicas polémicas que desde esses tempos têm marcado a imprensa de língua portuguesa na Califórnia. O artigo «O que o berço o dá a tumba o leva», aparecido no número de 24 de Maio de 1888 de *A União Portuguesa*, repudia a acusação surgida em *O Amigo dos Católicos* de que o primeiro destes jornais atacava a religião cristã e logo acrescenta: «... os padres Fernandes e Glória são falsos apóstolos cristãos, são uns embusteiros, uns hipócritas, uns charlatães; porque pregam doutrinas contrárias à letra do Evangelho e como tal contrárias à palavra de Cristo, a quem adoramos». Os ataques repetem-se em outros números do mesmo jornal.

Califórnia, tornou-se proprietário de uma tipografia e dedicou grande esforço a actividades comunitárias como membro da União Portuguesa do Estado da Califórnia, cujo hino compôs. Faleceu em 1943.

A actividade literária de Guilherme Glória remonta aos anos de 1884, no Pico, e de 1891 na Califórnia. Em 1935 vieram à luz as suas *Poesias* e em 1940 outro volume poético, *Harpejos*. A primeira destas obras rompe, à maneira de introdução, com o poema «A Portugal», que patentemente prenuncia a tónica da lírica que virá na sua esteira. Em versos algo empolados e contorcionados («Flores no almofariz premidas da saudade, / Que aumenta na essência o primitivo olor») ²⁰, de um convencionalismo acusando a influência da má literatura romântica, Guilherme Glória deixa-nos uma profissão de fé de patriotismo ao expor o anelo da volta ao país natal ²¹. Este impulso revela-se prefigurativo de um motivo reincidente em fases posteriores da literatura emigrante, o do retorno definitivo ou pelo menos estadia temporária nas ilhas de origem. O autor faz contudo com que uma atitude realista transpareça: ele sabe que regressará à pátria adoptiva, «à terra de alto brilho, / Onde o amor me sorri duma esposa e dum filho» ²², como não muito habilmente a referencia.

A primeira secção da obra, «Saltério Sacro», reveste-se de muito previsíveis tonalidades religiosas, a raiar por vezes num panteísmo cristão. O tom mostra-se grandiloquente e abundam as exclamações e perguntas retóricas. A expressão chega a

²⁰ Guilherme S. Glória, *Poesias*, Oakland, 1935, p. 1.

²¹ O Professor Francisco M. Rogers parece aliás mostrar-se já particularmente irritado com o tom do prefácio: «The book is marred by a nationalistic and Salazaristic foreword filled with references to «a Raça — with a c cedilla and not a z — and guaranteed to dissuade any true American of whatever descent from peentrating farther», «The Contributions of Portuguese Descent to the U.S. Literary Scene», *op. cit.*, p. 410.

²² Guilherme S. Glória, *Poesias*, *op. cit.*, p. 2.

atingir uma certa majestade, apesar de ocasionais pretensiosismos estilísticos («Patriarcas de outrora, em seu clamor augusto, / Vendo o mundo a gemer nos ecúleos da dor, / Suplicavam aos céus — que orvalhassem o Justo, / E a terra germinasse o grande Salvador!»)²³ e toma forma a mensagem evangélica da redenção. Num tom mais leve, mais popularizante, está a poema «Sem terem pousada»:

Pobre Maria, tão fatigada,
 Por toda a parte busca pousada
 Ninguém lha dá!
 E a Santa Virgem chora consigo,
 Pois nessa noite, nem mesmo abrigo
 Para Deus há!²⁴

Liberto de preocupações eruditas, Guilherme Glória empresta aqui aos seus versos um ritmo fluente, natural, muito agradavelmente saltitante e de fácil acesso a um público de emigração. Os reflexos da nova ambiência irrompem aliás num ou outro ponto desta secção, como nas ocasiões em que alude a Santa Claus e ao culto por Santo António entre os portugueses da cidade de Patterson. É pois uma poesia que sem ser em rigor classificável como caracterizada por uma especificidade emigrante não escapa por completo ao esquema vital em que foi concebida.

Muitas das composições que preenchem as restantes páginas da obra acusam um cunho circunstancial ou são traduções de originais franceses e ingleses. Entre elas, contudo, contam-se exemplos inequívocos do saudosismo romântico tradicional. A evocação de cenas e paisagens pátrias corporiza-se numa linguagem com frequência aliteratada e incaracterizada. («Oh! como é bela a neve a cair de mansinho, / Enchendo o firmamento e cobrindo o caminho»)²⁵. Todavia um poema, «À Can-

²³ *Idem*, p. 5.

²⁴ *Ibid.*, p. 16.

²⁵ *Ibid.*, p. 169.

delária», relembrando a sua terra natal, redime-se em parte desta aridez na medida em que joga com elementos autenticamente açorianos como as referências à fauna e flora locais, mau grado o fácil ambiente idílico que predomina por todas as estâncias²⁶.

Pouco de original traz pois a poesia de Guilherme Glória. Oscilando entre uma popularizante singeleza, não totalmente despida de atracção, e uma solenidade de marca bíblica, confina-se a moldes aprendidos e compatíveis com a preparação intelectual e espiritual do autor. Fé e pátria são as suas preocupações. Como irá acontecer na obra de muitos dos seus sucessores, a visão da terra que ficou para trás é sempre risonha e amena, um processo selectivo talvez necessário para poder compensar o deserto emocional do alheamento. Neste aspecto a sua obra assume relevância histórica pela pauta que vai marcar para o futuro da literatura de emigração.

Arthur V. Ávila, nascido nas Lajes, Ilha do Pico, em 1888, chegou à Califórnia em 1909. Foi ele o iniciador, em 1930, da rádio californiana em língua portuguesa, que presentemente conta com cerca de setenta programas e que constitui um dos mais eficazes meios de informação para os núcleos de portugueses espalhados por todo o Estado. Durante cerca de trinta anos o seu programa, «Castelos Românticos», realizado em colaboração com sua esposa Celeste Ávila (Rosinha), gozou de enorme popularidade. Arthur V. Ávila faleceu em 1962. Deixou dois livros de poesia, *Desafio Radiofónico* e *Rimas dum Imigrante*, ambos de 1961.

²⁶ A obra inclui também poemas compostos ainda durante os anos açorianos do autor, que evidentemente não cabe comentar neste trabalho. Por outro lado a impossibilidade de localização da obra *Harpejos* levou à exclusão do seu tratamento. A precária acessibilidade ao texto impresso ou manuscrito representa um considerável obstáculo a um estudo organizado da literatura de emigração.

A primeira destas obras consta de uma série de quadras de cunho popular apresentadas em forma de desafio e postas na boca de uns hipotéticos João e Maria. Uma vez esclarecida uma relação amorosa — e eventualmente matrimonial — entre os dialogantes, estas quadras reflectem as impressões de uma viagem por terras continentais, açorianas e madeirenses. Na realidade baseiam-se numa digressão realizada pelo casal Ávila em 1951, a primeira visita à pátria depois da emigração. Possivelmente inspirada pelo esquema da «cantoria», ainda tão vigente no seio das concentrações açorianas da Califórnia, a obra comparte com ela o uso de técnicas tradicionais como o elogio à localidade onde os cantadores se encontram, o agradecimento pela hospitalidade recebida e o pedido de desculpa pelas carências poéticas.

A descrição dos lugares visitados arranca de uma base sentimentalista, patriótica e, como seria de esperar, inexoravelmente encomiástica. Passa-se com rapidez de uma povoação a outra e a indefinição marca muitas das impressões recolhidas:

O Parque Eduardo Sétimo,
Que para vistas tem fama
Do seu alto se disfruta
Belo e lindo panorama ²⁷.

A inabilidade estilística e a deficiência sintáctica, patentes nesta quadra, resultam também noutros lugares num franco apoeticismo que chega a comprometer seriamente o impacto afectivo que de outro modo se poderia atingir:

Vamos à Vila Luso,
E à Curia também
Onde há águas minerais
Que a todos fazem bem ²⁸.

²⁷ Arthur V. Ávila, *Desafio Radiofónico*, Oakland, 1961, p. 22.

²⁸ *Idem*, p. 24.

A imprecisão geográfica, já denunciada na quadra anterior, revela-se ao longo de toda a trajectória por Portugal Continental, delineada sem progressão lógica de maior, já que representa um desconcertante ziguezaguear pelo país. A propósito de algumas localidades esboçam-se alusões históricas mas sempre numa base fugidia. Também por vezes as terras visitadas sugerem uma relação com a experiência migratória:

Pois a cidade de Ílhavo
Fica na margem d'além,
Muitos filhos desta terra
Em Oakland vivem também ²⁹.

A parte referente aos Açores denota certo enternecimento, ilustrado pelas carinhosas referências a manifestações típicas do viver insular: a devoção ao Santo Cristo, touradas de praça ou à corda, uma chamarrita ou um jantar de alcatra. Em certa medida esta atitude contrabalança a impressão de secura poética deixada pelas longas enumerações de lugares visitados ou pelos insípidos fragmentos de história local que ocasionalmente se divulgam. O prosaísmo assoma de igual modo quando o autor se enreda desnecessariamente na explicação de irrelevantes circunstâncias de viagem.

Desafio Radiofónico representa também uma tentativa de poesia didáctica, posto que se propõe esclarecer, através do nostálgico roteiro turístico dos dois cantadores, algo sobre a história e geografia de Portugal, muitas vezes apenas incompletamente assimiladas pelos rádio-ouvintes que constituíram o primeiro público destes cantares. Esta intenção parece inferir-se da quadra seguinte, posta na boca de Maria:

Eu sempre fui portuguesa
Mesmo n'América vivendo,
Mais portuguesa serei
Pelo que 'stou aprendendo ³⁰.

²⁹ *Ibid.*, p. 33.

³⁰ *Ibid.*, p. 24.

A preocupação de descrever Portugal em extensão leva contudo a um falseamento do propósito pois em última análise a obra não transcende em muito uma listagem superficial de lugares e factos. O certamente deliberado popularismo da apresentação, concretizado na utilização de ditos e provérbios, de coloquialismos e regionalismos, de aproveitamentos da veia tradicional («Muitas vezes canto eu / Com vontade de chorar») ou de ressaibos de adivinhas rimadas («Diga pois, ó trovador, / Onde fica essa terra») conseguem contudo moderar o vazio linearismo de muitas das quadras. Um outro apelo ao público das emissões radiofónicas consiste no constante alternar da realidade descrita com coordenadas californianas.

O rudimentar eruditismo da obra acaba por prejudicar a sua qualidade. Por um lado não consegue camuflar a negativa impressão deixada pelas deficiências formais e por outro atrofia aquela potencial espontaneidade que as quadras poderiam ter atingido e que de modo tão fascinante marca a genuína poesia popular, incluindo a produzida em outras circunstâncias na Califórnia. É pois uma lírica de entre duas águas, insuficientemente conseguida e acabando por resultar num mau sabor de fátuo hibridismo. De um estrito ponto de vista sociológico apresenta todavia o interesse de documentar a vigorosa tendência emigrante para registar em forma artística os acontecimentos mais destacados da nova existência.

Rimas de um Imigrante compõe-se igualmente de uma série de quadras populares, que foram utilizadas como remate de emissões radiofónicas. Muitas destas quadras amoldam-se aos padrões do cancionero popular português e, como ele, transmitem uma eufónica mensagem de fundo sentimental:

Ó ramo de duro buxo,
Tenho-te em estimação,
Para quando eu for velhinho,
Tu me servires de bordão ³¹.

³¹ Arthur V. Ávila, *Rimas de um Imigrante*, Oakland, 1961, p. 111.

Por vezes surgem também outras estruturas estróficas como a sextilha, a oitava e até o soneto. Seja qual for porém o ritmo escolhido, a constante da nostálgica — e ardentemente encomiástica — recuperação do que ficou para trás marca presença através da obra. Não se abandona contudo um prisma emigrante de observação, como no seu conciso esquematismo o ilustra a quadra seguinte:

Embora eu viva na América,
Neste país ideal,
'inda adoro meus Açores
E amo o meu Portugal ³².

A dimensão açoriana vinca muitas destas composições. O ponto de vista pode ser convencional, monocórdico mesmo, mas não resta dúvida de que uma intensa base emotiva assoma por detrás desta atitude e de que essa emoção não poderia ter sido gerada senão pelo particularismo da situação em que o poeta escreve. Talvez seja essa a razão que leva aqui a uma maior desenvoltura de expressão e a um mais gracioso fluir da palavra do que em *Desafio Radiofónico*:

Quando Deus fez os Açores
criou também a saudade,
filha do amor, da amizade,
da alegria e da tristeza.
E, por isso, o português
sabe sofrer e amar
e pode rir e chorar
com saudade portuguesa ³³.

Note-se, de passagem, que foi decerto um condicionalismo emigrante que harmonizou a transição do conceito do açoriano para o do português, já que no contexto californiano os dois valores são praticamente equivalentes.

³² *Idem*, p. 122.

³³ *Ibid.*, p. 21.

Em *Rimas de um Imigrante* encontra-se também alguma poesia circunstancial e outra dominada pelos temas da antevisão da morte e da confissão amorosa, esta dirigida à figura da esposa, Rosinha. Apesar de um certo nível de artificialidade e de adesão a padrões comuns, talvez o soneto que se segue, tocado por vagos ecos camonianos, represente um dos melhores momentos desta linha poética:

Contigo

Contigo a vida é tão suave e linda,
Tão doce o dia-a-dia de viver,
Que temo venha um dia a perecer
Este gozo, esta f'licidade infinda.

Assusta-me a ideia, o pensamento,
Da morte separar esta união
De dois entes em um só coração.
Não posso estar sem ti um só momento.

À lei da morte, eu sei, ninguém resiste.
Partirei. De mãos-postas e alma triste.
Tão triste por partir, por te deixar.

Deus me alimente sempre esta esp'rança,
De lá no céu, na bem-aventurança,
Um dia, enfim, os dois termos lugar ³⁴.

Vasco B. Massa, natural dos Arrifes, São Miguel, reside há longos anos na Califórnia. Tem colaborado poeticamente em jornais de expressão portuguesa da sua região e é autor de *Solar da Saudade*. Há pouco participou numa reunião de «troveiros» no Brasil. Alguma da sua poesia, desenvolvida a um nítido jeito popular, oferece uma agradável espontaneidade, como se pode observar nos seguintes fragmentos de «O Ti

³⁴ *Ibid.*, p. 29.

João do Palheiro (Gazetilha)», tocado por um singelo mas conseguido exemplarismo:

<p>O Ti João do Palheiro amou mas nunca casou; pelo dinheiro jurou viver e morrer solteiro. Jurou como um cavalheiro, à promessa não faltou! ... Ao dinheiro sempre amou o ti João do Palheiro.</p> <p>O Ti João do Palheiro viveu não bem sozinho: tinha vacas, trigo e vinho, tinha porcos no chiqueiro,</p>	<p>galinhas no galinheiro, mas vivia pobrezinho o Ti João do Palheiro.</p> <p>O Ti João do Palheiro em anos já avançado foi no palheiro encontrado morto e cheio de lameiro, abraçado ao seu dinheiro, seu companheiro adorado. Morreu rico e desgraçado o Ti João do Palheiro ³⁵.</p>
--	---

A vinheta apresentada nesta composição arranca toda das recordações de antanho, quer nos seus ingredientes vivenciais, quer na forma popularizante e tradicionalista que assume, quer até na sua intencionalidade. Nela nem o mais leve toque da actualidade emigrante se pode detectar. Trata-se pois de um puríssimo exemplo do passadismo que permeia tanta da produção dos poetas lusos da Califórnia.

Em *Solar da Saudade* a atitude nostálgica — aliás prenunciada no título — encontra-se também patentemente ilustrada mas não exclui os novos termos de comparação:

Quem uma vez se expatria
 Buscando a felicidade:
 — Vai achar a nostalgia
 No solar da saudade ³⁶.

³⁵ Publicado em *The Portuguese Tribune*, de San José, a 30 de Abril de 1981. Este semanário é redigido em português, apesar do título inglês.

³⁶ Vasco B. Massa, *Solar da Saudade*, Ponta Delgada, 1961, p. 5.

As singelas quadras que constituem esta obra revestem-se de uma tonalidade algo vaga e desligada de uma experiência concreta. Trata-se de uma lírica sensivelmente convencional, aderente a modelos *dejà vu*, de uma imagética incaracterizada («a lua de cor de prata», «o cristal das estrelas») e de laivos de franco apoeticismo. Ao contrário do retratista todo magnífica autenticidade de «Ti João do Palheiro», Vasco Massa mostra-se aqui um pálido seguidor de medíocres modelos. A forma apresenta-se mais rígida, inábil até, e o conteúdo não ultrapassa em muito uma problemática epidérmica. Só num ou noutro instante algum raro apontamento mais pungente faz por redimir a monotonia do conjunto. Neste aspecto Vasco Massa confirma uma tendência geral dos poetas da emigração a ele associados por circunstâncias etárias ou geográficas: a naturalidade é o seu melhor trunfo, o semi-eruditismo uma armadilha em que nefastamente se deixam cair.

Um autor muito menos susceptível de seguir pretensiosos modelos é Alfred Lewis, indubitavelmente a voz poética de maior ressonância dentro da sua geração de líricos californianos de expressão lusa. Nascido a 30 de Abril de 1902 na Fajãzinha, Ilha das Flores, filho de um «americano» retornado que lhe transmitiu o sobrenome anglicizado, terminou a instrução primária na sua freguesia e prosseguiu então alguns estudos orientados pela sua antiga professora e pelo pároco local. Aos 17 anos os seus primeiros contos e poemas aparecem em *O Florentino* e aos 19 emigra, tendo chegado à Califórnia sem saber inglês e com apenas 25 centavos americanos no bolso. Trabalhou então na agricultura, como ajudante de cozinha num restaurante português, como aprendiz de tipógrafo por três dólares semanais, mais comida e cama, e num armazém de mercearia. Mais tarde conseguiu ocupações melhor remuneradas em jornais de língua portuguesa, como agente de seguros, vendedor de bens imobiliários e contabilista. Durante oito anos desempenhou também as funções de juiz municipal em Los Baños, cidade onde se fixara. Aí veio a falecer a 10 de Janeiro de 1977. Na Califórnia vê a sua colaboração publicada em

A Liberdade, O Lavrador Português, Jornal de Notícias e Jornal Português. Escreve contos para revistas americanas e em 1951 a prestigiosa editora Random House lança a sua novela autobiográfica *Home is an Island*. Dedicava também muito do seu tempo a serviços comunitários, que ele próprio descreve nos seguintes termos: «... tornei-me uma espécie de conselheiro para muitas centenas de portugueses que viviam no Vale de San Joaquín: ajudando a escrever-lhes e a ler as suas cartas, a preencher requerimentos em inglês e até a tratar-lhes dos seus cheques e contas bancárias, todo este trabalho tendo como única compensação o prazer que sentia em facilitar-lhes a vida, especialmente durante os primeiros tempos ...»³⁷. Na altura da sua morte, Alfred Lewis deixou inéditos dois romances em inglês e preparava uma antologia da sua poesia, a que tencionava dar o título *Aquarelas Florentinas*.

«Aquarelas» afigura-se de facto um termo apropriadíssimo para definir a poesia deste autor, toda ela à base de finas pinceladas e de tons amenos. É uma lírica de retrovisão, de reanimação de pequenas cenas islenhas com um carácter a tocar o miniaturístico. Estes retalhos quase estáticos, adolescentes reminiscências de tempos longínquos, selectivamente apresentadas quiçá para deles dar só o que de doce se quedou na memória, mas jamais esfumados pela bruma dos anos, são sempre tratados com extrema delicadeza e perceptividade e com um carinho que se evidencia como muito fundo e muito genuíno. Poder-se-ia quase dizer que Alfred Lewis é para a poesia de emigração o que Júlio Dinis representa para a novelística oitocentista. Oriundo do mesmo condicionalismo ambiental que os três poetas anteriormente discutidos, formado por premissas educativas não muito dissonantes das deles — com parcial ressalva no caso de Guilherme Glória —, Alfred Lewis liberta-se contudo das limitações que os outros sofreram ou se

³⁷ «Alfred Lewis, Imigrante Açoriano Desaparecido na Califórnia», *Luso-Americano*, 24 de Fevereiro-2 de Março de 1977.

impuseram e surge com uma límpida voz poética a cantar uma realidade concreta, quotidiana na maior parte das vezes mas traduzida com penetrante observação nos seus detalhes mais essenciais e significantes. O mundo deste poeta é um mundo todo de exterioridades, de parâmetros que não superam uma afectiva visão da simplicidade de uma vida plácida, parada no tempo, apenas inquietada de vez em quando pelos ecos da emigração.

Atrás desta realista mundividência esconde-se contudo uma funda dimensão sentimental. É o próprio autor que justifica a sua opção, nas seguintes palavras, confidenciais ao jornalista Helder Pinho: «Realmente não devo a minha vida literária à comunidade. O que me fez escrever e o que me faz continuar é uma chama que continua cá dentro. É o facto de haver ainda uma saudade muito grande da minha terra natal»³⁸. Esta terra natal é lembrada numa série de poemas que focam instantâneos captados de modo expressivo, transbordantes de um telurismo aprisionado em traços rápidos mas impressionantemente incisivos, como no seguinte exemplo:

Baleia Morta

Foi em manhã d'Outubro: ficou ela
Sobre as areias finas, empurrada
Das vagas uma a uma que quebravam
Contra seu corpo negro, abandonado.

Lembro-me ainda a correr no atalho,
Bordão de pinho, a seguir meu pai
De caminho p'ra baixo para ver
O que causava cheiro em toda a banda
Nesta manhã d'Outono baça e fria.

Inda me lembro do cordão de povo
Formado em volta da baleia morta
A falar em voz baixa, quase tristes
De ver tão grande bicho morto ali.

³⁸ Helder Pinho, *Portugueses na Califórnia*, Lisboa, 1978, p. 88.

Onde havia nascido? De que mar
Foi impelida a navegar tão longe
Por águas espumantes, verdes, negras,
Sem direcção talvez? Era comida
Ou desejo talvez de caminhar,
Como os nossos que vão da nossa ilha
À procura também de terras novas
Navegando também no mar sem fim?

E séria discussão teve lugar
Sobre o que havia a fazer c'o peixe
Que boa sorte ou má tinha trazido
Cheirando mal às areias da praia.

O que havia a fazer, era fritá-la,
O regedor sugeriu à gente:
Banha cheirando em latas de petróleo
Para dar luz nas nossas moradias
Durante as noites frias do Inverno³⁹.

A identificação com a essencialidade insular, o sentido de compaixão e compreensão — humanismo quase seria lícito chamar-lhe — que este poema denota poderá de igual modo ser encontrado em outros de semelhante recorte. Entre eles o retrato poético destaca-se como um subtipo de extrema vitalidade:

Ti Maria vivia numa casa
De telha e terra, à sombra duma faia;
Delgada e feia, seus cabelos brancos
Em divisão igual, faziam rumo
De sua testa ao fim da cabecinha.

Suas mãos delicadas e corpo de criança
Seu andar sem barulho e olhos negros
E um sorriso de ajuda, misturado
Com o saber dos anos decorridos
Lágrimas, riso, planos do futuro
Faziam dela uma pessoa grande⁴⁰.

³⁹ *Jornal Português*, 22 de Fevereiro de 1977.

⁴⁰ «Parteira», *Jornal Português*, 25 de Julho de 1974.

Também o retrato colectivo não escapa a Alfred Lewis, como neste quadro, fortemente impressionista:

No chão de pinho as mulheres sentadas,
Saias pretas cobrindo os pés descalços,
Soluçavam em coro; e vento frio
Batia contra as portas da igreja ⁴¹.

Noutras ocasiões pinta uma natureza morta — os géneros expostos na mercearia ou os chouriços e morcelas pendurados numa parede negra — ou faz relampejar uma breve nota da vida campesina — a Sala do Império, as moças que saem de caneca na mão para ordenhar as vacas no monte, um cachorro ladrando e batendo a cauda, homens de faca em punho preparando-se para matar um porco sobre uma mesa de pinho, o garoto de calças remendadas correndo para anunciar a chegada do emigrante. São tudo relances de enorme verismo e visualismo, habilmente seleccionados para oferecer uma vista caleidoscópica do dia-a-dia. Só em raros casos se afasta o poeta desta linha. Em «Açores: Parto» vai do particular ao genérico e, num expressivo encapsulamento, consegue fixar a evolução física e humana das suas ilhas nas facetas essenciais do antes e do agora: o vulcanismo, o sentido de aventura, a persistência no trabalho e o sentido religioso:

Pedras negras expelidas do ventre do Mundo
Para o cimo do mar.

Cobriram sua nudez com ervas verdes
Salpicadas de flores

E os pássaros chegaram.

⁴¹ «Dia de Passos», poema inédito composto a 20 de Abril de 1974.

Depois o Homem
Em gemente caravela,
Com machado e alvião
Para delinear aldeias e cavar courelas
Em nome do Senhor ⁴².

Só muito esporadicamente atinge o poeta o nível da introspecção. Quando o faz, como no soneto que se segue, dá a impressão de, com o seu pessimismo de escola e a sua linguagem convencionalizada, defraudar o leitor, habituado à originalíssima pintura do casticismo insular:

Da vida vou no barco arruinado
Já sem remos, esfarrapada a vela,
Sob um céu inclemente, anuviado,
Sem ver no horizonte baça estrela.

A cada ímpeto forte da procela
Julgo ver-me nas ondas afogado;
Vejo perder-se além estância bela
Que buscava num sonho azul-dourado ...

Mágoas cruentas e paixões e anseios,
Loucas quimeras, tristes devaneios
Em silêncio me fazem companhia.

E assim tu és para mim, ó vida!
Que o mostre a minha frente emagrecida,
Regada por meu pranto noite e dia ⁴³.

Uma constante quase obsessiva na poesia — e também na prosa ficcional — de Alfred Lewis é o «terralongismo», neste caso concretizado nos factores da baleagem e da emigração para a América. Numa poesia toda virada para um período pré-migratório este aspecto terá que corporizar-se pela expli-

⁴² «Açores: Parto», *Jornal Português*, 11 de Outubro de 1973.

⁴³ «Da Vida Vou no Barco Arruinado», *The Portuguese Tribune*, 7 de Maio de 1981.

tação do anseio de partir ou pela imagem do retornado. O velho baleeiro ou o «americano» que volta à ilha bizarramente vestido, com o seu linguajar de torna-viagem, tornam-se figuras recorrentes na sua lírica:

E agora os passageiros: dentes d'ouro
De lado a lado da boca;
Calças de angrin, casacos de lã parda.
Com palavras e riso anunciando
As grandezas do seu país d'exílio ... ⁴⁴

Curiosamente, a ideia do retorno surge já num poema publicado n'*O Lavrador Português* em 1923, portanto apenas cerca de dois anos depois da chegada de Alfred Lewis à Califórnia:

Carta

Caro amigo João,
Eu quando um dia
For às Flores, à terra onde nasci,
Todo cheio de «prosa» e de alegria
— Um rei em pequenez de colibri ...

C'o meu «casaco grande» e guarda-sol,
C'um bigode de palmo e fina calça,
A rir e a cantar qual rouxinol,
O brando «Three o'Clock» ou outra valsa ...

Mala de coiro escuro na direita,
Ornada dum anel de diamante,
— Diamante digo eu, que a pedra feita
Foi dum vidro qualquer, falso brilhante ...

Imagina, se podes, o prazer
Que vou sentir ao ver a Maricotas,
— A minha «loira musa» que fazer
Me fez gastar a sola às pobres botas! ...

⁴⁴ «Visita Mensal», poema composto a 30 de Agosto de 1973 e publicado no *Jornal Português* a 25 de Março de 1976.

Nas tardes de verão hei-de ir à fonte
Beber água e falar co'as mocetonas;
Falar do «gato bravo» que no monte
Matei, quando «pastava» em «Arizonas» ...

E a Maria do Anjo há-de pedir-me
Informações do filho, o Manuel;
E eu, som tom nem som, falando, hei-de rir-me
Dizendo que o rapaz 'stá «very well»! ...
.....

Trata-se pois de um poema claramente exemplificativo do entrecchoque cultural que serve de pano de fundo a tanta da literatura emigrante, quase uma peça de antologia apesar de eivada daquelas indecisões técnicas e linguísticas de que aliás Alfred Lewis nunca logrou libertar-se de todo. (Por outro lado, na sua trajectória poética, adquiriu também uma certa tendência para a anglicização, perfeitamente justificável por certo em quem tão alienado viveu da expressão pátria.) Pese contudo a estas limitações, representa, graças à sensibilidade que põe no seu poder de reconstrução, um dos pontos mais altos da literatura emigrante e um eloquente exemplo da peculiaridade do seu carácter.

7. *A poesia diarística de cunho popular*

O impulso tradicional para registar em forma ritmada os segmentos vivenciais mais significativos traduz-se na literatura emigrante por uma série de poemas, extremamente indigentes sob os pontos de vista de correcção da linguagem ou de refinamento técnico mas extraordinários de pungência e espontaneidade na sua expressão dos traumatismos experimentados durante o processo de aculturação. A forma escolhida para estes poemas é a quadra, e a narração de um modo geral alonga-se por dezenas ou mesmo centenas delas. As composições diarísticas parecem dever muito ao romance popular,

com o qual acusam impressionantes convergências como o ritmo heptassilábico, a frequente assonância ou consonância em *a*, o início *in media res*, o apelo à atenção do ouvinte e a vertente dramática e sensacionalista. O romance de cego — não poesia diarística num sentido estrito mas a ela bastante acercado — parece também influenciar a sensibilidade emigrante, sempre receptiva a qualquer incidente espectacular e disposta a melodramatizá-lo poeticamente. Um exemplo desta atitude pode ser achado no poema anónimo «Um Crime Horroroso»⁴⁵, em que se relata como um homem no norte da Califórnia assassinou a tiro a mulher e cinco filhos e pôs em seguida termo à sua própria vida. Aqui a emoção do leitor — ou será preferível escrever «ouvinte»? — é despertada pelo relativamente hábil contraste entre os factores da inocência das vítimas e da crueldade do assassino:

Tinha mais um filhinho
De catorze meses de idade
E também lhe deu um tiro
Malvado sem piedade

Do sono em que dormia
Nem ao menos acordou
De uma morte tão tirana
Seu espirito entregou

Deitadinho no seu berço
Esperava a sua sorte
Foi entam quando vio
A quella tirana morte

Oh! meu Deus todo poderoso
Fonte purissima de bem
Perdoa-lhe se é possível
Um anjo culpa não tem⁴⁶

No que diz respeito à poesia de testemunho pessoal, a lírica diarística no seu sentido mais limitado, a nota da angústia revela-se como a sua característica dominante. O nível dramático que a expressão do sentimento pode chegar a atingir

⁴⁵ Eduardo Mayone Dias, *Cantares de Além-Mar*, op. cit., pp. 92-94.

⁴⁶ *Idem*, p. 94. Nesta obra manteve-se a ortografia original dos autores.

é documentado pelo seguinte passo, em que o autor, referindo-se a seu pai, escreve:

Saudades me pozeram	Com suspiro da auzencia
No coração grande dore	Da nosa suparação
Foi a última vez que eu o vi	Não podia pegar no sono
Foi quando entrei no vapore	Me estalava o coração ⁴⁸

Dei a meu pai um adeus
Com o coração em tremura
Promita deus do seu⁴⁷ que no seja
Aqui a minha sepultura

O motivo da despedida, óbvio ponto alto do processo de exteriorização da angústia, é também focado na quadra que se segue:

Deixei irmão a família
E também nossos parentes
Não mais me esquece este dia
Que destes ficamos ausentes⁴⁹.

Como seria quase inevitável que acontecesse, a poesia diarística cataloga toda uma série de perplexidades e lamentos, produto do embate com o novo enquadramento cultural. Através deles torna-se perfeitamente factível detectar os elementos mais destacados do condicionalismo sócio-económico em que o emigrante se inseriu. Em tempos mais afastados, aqueles em que a pastorícia constituía com frequência a primeira ocupação

⁴⁷ «do céu».

⁴⁸ Manuel Cardoso, «Nesta Triste Ocasião», *ibid.*, p. 27.

⁴⁹ Maria Etelvina Azevedo Lima, «Drama do Passado e do Presente da Vida de Maria Etelvina Azevedo Lima desde o Ano de 1925 até o Ano de 1970», *ibid.*, p. 121.

do emigrante, a queixa concentra-se sobretudo na dureza do trabalho e no isolamento físico:

E Boteime a ser pastore E não sabia a pastorar Heram 2 mile e trezentas Que me paresia um mare	As vezes com vénto e agua Trovoada e relampagos E os pobres dos pastores A cozinhar fora nos campos
Eu pençava que me fojião Eu andava a goniado As vezes não podia comer De istar tanto cansado	Esta vida do pastore Se fose com pasiensia Todos os pastores heram santos Porque e grande pinitensia
As vezes coria tanto Que me faltava o folgo Muitas vezes eu dezia Ajezus que eu a qui moro	Em sim de grandes montes Em sima de altas serras Entre meio de grandes lanho ⁵⁰ Pensando nas nosas terras
Se meu pai e minha mãe vise Quando eu estou acozinhar Se tivesem vijando Pegarião a chorar	E sem ter com quem falare Nem di noite nem dedia Em sima de altos montes Vivo eu sem ter companhia ⁵¹

Muito significativo de uma atitude ainda hoje nitidamente visível entre o emigrante insular na Califórnia é o facto de neste poema o autor não tomar ante a adversidade uma atitude de militância mas de auto-comiseração. O carácter resignado e passivo da comunidade açor-californiana distingue-a de facto de outros grupos étnicos com idênticas carências económicas e culturais, um contraste que levou a antropóloga americana M. Estellie Smith, referindo-se embora à comunidade luso-americana em geral, a categorizar os portugueses como «minoria invisível».

A descrição da extrema rudeza das condições de trabalho constitui, como se pode ilustrar no poema anterior, uma cons-

⁵⁰ Talvez se refira a precipícios.

⁵¹ Manuel Cardoso, «Nesta Triste Ocasião», *op. cit.*, p. 29.

tante da poesia diarística mais antiga. No fragmento que se segue o autor alude a um facto ainda hoje recordado pelos emigrantes de maior idade, a inchação e quase anquilosamento das mãos provocado pela ordenha:

Trabalho do Diabo

Podem-me acreditar

Ao cabo d'um dia ou dois

Não me podia abetoar

Digam-me os meus amigos

Cuidei que era caçoar

Que apertasse as mãos muito

Que me havia de passar

As mãos incharam-me tanto

Aquilo é que era doer

Se continuasse muito tempo

Parecia-me que ia morrer

Digam vocês o que quiserem

Vacas não quero ordenhar

Vou dar modo a trabalho

Para n'um rancho trabalhar ⁵²

Logo no meu principio

Comecei-me a desgostar

Trabalho de ordenhar vacas

Não me ia acostumar

O labor numa exploração agrícola não devia contudo ser mais ameno, a julgar pela queixa expressada noutro poema:

Shegase a casa a noitinha

Dos meus burros vou codar

Dalhe agua e dalhe seia

E tenho que os alimpar

E quando larguemos o trabalho

Já heram horas de siar

Em te as 8 horas da noite

Andemos sempre atrabalhar

Pelas 3 oras da manhã

Temos que a levantar

A coidar atravez ⁵³ dos buros

Para sair a trabalhar

Alevantamos nesta terra

Primeiro que cante os gallos

Quere de noite quer dia

Sempre em roda dos cavalos ⁵⁴

E de em verno tanto e o frio

Que se sente o corpo cortar

E quando chegamos a trabalho

Não se vé para trabalhar

⁵² António da Silva Melo, «Vida de António da Silva no País Americano e na Guerra», *ibid.*, p. 38.

⁵³ «outra vez».

⁵⁴ Mandel Cardoso, «Nesta Triste Ocasião», *op. cit.*, pp. 32-33.

Apesar do extremo descarnamento estilístico a mensagem dificilmente se poderia tornar mais límpida e pungente. Trata-se com efeito de uma poesia de angustiado desabafo, arrancado de uma dor muito autêntica e sentida. A angústia não exclui contudo uma tessitura por vezes quase épica. Traduzida muito embora em tom menor, a tônica da batalha pela sobrevivência é nítida. A mais ou menos longo prazo a vitória acaba por ser alcançada. Neste ponto a lírica diarística, como outras facetas da produção emigrante, espelha com a maior eloquência todo o processo histórico e sociológico da emigração.

De certo modo torna-se factível detectar nesta poesia uma clivagem etária, reflectida no carácter da denúncia. Para os emigrantes chegados no primeiro quartel do século, a mais aguda problemática parece ser a da baixa rentabilidade de um labor extenuante e executado em precaríssimas condições. Só depois vem a queixa sobre a solidão física da vida em zonas rurais e da alienação cultural. Esta última faceta, contudo, é a que constitui o ponto fulcral das lamentações de emigrantes mais recentes, integrados já num processo urbano que permite uma vida mais cómoda e melhor remunerada mas que não supre as necessidades emotivas do exilado. Manifesta-se então o embate entre o seu centripetismo cultural, todo prenhe de ancestralidade, e o sistema de valores da terra de adopção. A estranheza ante a nova dinâmica social toma clara forma nos versos de Maria Etelvina Azevedo Lima, terceirense, que desde há cerca de doze anos vem documentando em quadras os passos mais salientes da sua vida na Califórnia. Mesmo quando através do seu testemunho assoma a intranscendência básica das situações, o seu tratamento não deixa de ser fundamente emocional:

Um dia fui à estôa ⁵⁵
E tinha lá um ladrão
Não percebi a pessoa
Ele dizia leidão ⁵⁶

O ladrão de pistóla armada
Eu comecei a tremer
Toda a gente estáva deitada
Só eu estava p'ra morrer

⁵⁵ «Loja, supermercado» (do inglês *store*).

⁵⁶ «Deitem-se no chão» (do inglês *Lay down*).

Então eu ajoelhei	Nosso dinheiro levantei
Como quem pede perdão	Que o tinha posto no chão
E nada imaginei	Quando a polícia avistei
Pus meu dinheiro no chão	Mas já foi tarde a ocasião ⁵⁷

Meu marido estava e mais eu
Mas sentia boa fé
O ladrão desapareceu
Tôda a gente se pôs de pé

A dificuldade de comunicação linguística e cultural é outra faceta que desperta os comentários da autora:

Aqui vamos a um doutor	Até os mortos fazem penar
Seja óculos ou dentista	Que parece uma ingratidão
Temos que levar um professor	Levam dias a gelar
Para a conversa ficar dita	Para os meter no caichão ⁵⁸

Vamos p'rá igreja resar	Aqui não á noite nem dia
Fica uma pessoa pateta	Nem domingo reservado
Não se entende o padre a pregar	É todos numa agonia
Nem se a missa está certa	Que fica o juízo cansado ⁵⁹

Encontra-se uma pessoa
Vê-se que é alguém que paça
Mas não se sabe se é boa
Porque aqui á muita raça

Note-se de passagem o fugidio mas revelador apontamento sobre a reserva ante o contacto com indivíduos de outra etnia. De facto a interacção fora do grupo é mínima. Nenhuma das três etnias com que o emigrante mais frequentemente se en-

⁵⁷ Maria Etelvina Azevedo Lima, «Drama...», *op. cit.*, p. 123.

⁵⁸ Refere-se ao facto de nos Estados Unidos os funerais se realizarem geralmente vários dias após o falecimento.

⁵⁹ Maria Etelvina Azevedo Lima, «Resposta ao Pedido de uma Carta para Explicação da América», *ibid.*, pp. 132-133.

contra em situação de contiguidade, os «anglos», os mexicanos e os negros, lhe oferece um nível fácil de comunicação. Ante o «anglo» sente-se geralmente inferiorizado, enquanto que o «mexicano» é subestimado e o negro temido. Este jogo de antagonismos leva a uma atitude de interiorização que resulta no supervalorizar do carácter nacional e, neste e noutros tipos de expressão emigrante, numa constante afirmação de lealdade à ilha e à pátria:

A Terceira dou louvôres
 Por toda a sua beleza
 Mar e Terra dão as côres
 Da bandeira Portuguesa

Cinco côres aqui estão
 Da Bandeira nacional
 E eu tenho no meu coração
 A alma de Portugal⁶⁰

Mato verde preto rochedo
 Augua a nascer cristalina
 Lapa amarela mechendo
 E a vermelha bagacina

O longo poema do mariense António da Silva Melo intitulado «Vida de António Silva no País Americano e na Guerra», de que já antes se transcreveu um fragmento, assume uma dimensão insólita na medida em que oferece um vasto alargamento de horizontes e vivências. Tendo chegado à Califórnia anos antes da entrada dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial, António da Silva Melo trabalhou na agricultura e numa oficina de metalurgia até ser chamado a incorporar-se no Exército Americano. Enviado para a Europa, a maior parte do seu poema consta das recordações da sua vida de combatente. Nesta narração o autor oscila entre uma emocionada dimensão humana, materializada na reacção à morte de camaradas seus, e uma tomada de posição quase picaresca quanto a aspectos mais risíveis da sua experiência. Exceptuando o aspecto dramático da constante presença do perigo e da morte,

⁶⁰ Maria Etelvina Azevedo Lima, «Drama ...», *op. cit.*, p. 131.

a guerra parece ser para ele um prolongamento da vida emigrante: trabalho exaustivo, desconforto, submissão a prepotências de superiores e, de vez em quando, algum episódio burlesco, que lhe serve de pretexto para a auto-ironização. Seja qual for o grau de seriedade com que narra os acontecimentos, a sua exposição denota invariavelmente um habilíssimo poder de captação dos instantes mais significativos da sua realidade:

Tudo era corpos mortos
 Por todos aqueles caminhos
 Muitos d'eles ajuntei
 Alguns feitos em bocadinhos

.....
 Fazia-se a sepultura
 Mesmo a beira do caminho
 Na cova mais perto que estava
 Ali ficavam n'um montinho

Bem me podem acreditar
 Que custava bem a ver
 Aqueles corpos em pedaços
 Ainda com o sangue a correr

.....

Foi o unico serviço
 Que me custasse mais a fazer
 Ver tratar corpos assim
 Alguma coragem precisa ter

.....
 Anda para cá meu amigo
 Para ti está tudo acabado
 Não te dê lida a muchilha
 Fica ahí descansado

Isto era a minha conversa
 Eu com o outro estava a dizer
 Mesmo hoje ou amanhã
 O mesmo a mim me vão fazer ⁶¹

O sentir de humor irrompe contudo no meio das vicissitudes. Numa veia mais ligeira, mas de igual modo expressiva, alude a vários incidentes a que sabe extrair uma forte dosagem de comicidade:

Quando as malditas balas
 Começaram a rebentar
 Deitei-me pela barreira abaixo
 Sem ver donde ia parar

Tombo aqui tombo ali
 Em pouco tempo lá cheguei
 É verdade que achei mole
 No logar onde parei

⁶¹ António da Silva Melo, «Vida ...», *op. cit.*, pp. 60-61.

Estava sempre a chvoer	Virei-me d'uma banda a outra
Tudo era lameirada	Ahi é que veio o activo
Quidava ainda que era lameiro	Se querem saber o que era
Mas não era o que cheirava	Adivinhem lá comsigo ⁶²

A visão irónica do poema contrasta em absoluto com a habitual tonalidade trágica de outros relatos mas de nenhum modo restringe a pungência do testemunho.

Seguramente considerada poesia marginal por muitos, dado o pauperismo técnico e as insuficiências linguísticas, esta produção consegue no entanto superar todas as suas limitações formais através de um comovido documentar da luta quotidiana e das marcas que ela deixa na sensibilidade do emigrante. Lírica gritantemente popular, não deixa por isso de expressar autênticas vozes poéticas com o talento de saber dar eloquente relevo a um agónico enfrentamento.

8. *Uma insólita experimentação épica:
o poema «Cabrillo», de Guilherme S. Glória*

Integrado no já antes discutido volume *Poesias*, de Guilherme S. Glória, encontra-se um poema narrativo em seis cantos intitulado «Cabrillo». A figura de João Rodrigues Cabrilho, navegador presumivelmente português ao serviço da Espanha⁶³ e descobridor da Califórnia, tem-se revestido até hoje de um apelo emocional muito particular para a comunidade portuguesa desta região, apelo esse a que Guilherme S. Glória decidiu

⁶² *Idem*, p. 65.

⁶³ Existe um quase absoluto desconhecimento da vida de João Rodrigues Cabrilho antes da sua chegada à América.

dar expressão em forma épica. O poema rompe com uma proposição e uma invocação de acordo com os cânones clássicos:

Canto o excelso varão João Rodrigues Cabrilho,
 Insigne Capitão, que, ao serviço de Espanha,
 De Balboa no oceano arando novo trilho,
 A Alta Califórnia àquela nação ganha;
 E canto com prazer, por ser ilustre filho
 Do nobre Portugal o herói de tal façanha,
 Na qual, com duas naus — San Salvador, Victoria,
 Dá nova terra à Espanha e a Portugal a glória.

Ó musa da saudade a ti invoco agora,
 Longe da Pátria amada, em país estrangeiro.
 Ilumina a minha alma; inspira-me, nesta hora,
 Em que venho cantar dum luso marinheiro
 A derrota, em que fez a descoberta outrora,
 Desta terra onde dorme o sono derradeiro.
 Tu viste que ele amou com fé e devoção,
 Como só ama e sente um luso coração!⁶⁴

Em absoluto compatível com as vertentes habituais da literatura do exílio está o facto de a «musa da saudade» ser a escolhida para conceder inspiração ao poeta. É de apontar além disso a nota de patriotismo, que em geral paraleliza esta atitude.

A narração inicia-se logo na terceira estrofe com uma explicação, razoavelmente contida dentro dos limites da historicidade, sobre as notícias mais ou menos fantasiosas que na época corriam a respeito da Califórnia, assim como sobre o desejo de organizar uma expedição para a explorar⁶⁵. Refere-se também às viagens ao território que hoje em dia constitui o Sul dos Estados Unidos e a outros sucessos da colonização

⁶⁴ Guilherme S. Glória, *Poesias*, *op. cit.*, p. 27.

⁶⁵ Uma nota curiosa: a grafia *Asteks* por que Guilherme Glória opta, sem dúvida uma parcial aproximação à forma inglesa, talvez a única com que estivesse familiarizado.

espanhola no México até que, ao cabo de mais de quarenta estrofes, o Canto I remata com a conclusão de que a viagem de descoberta só seria factível sob o comando de um navegador português. A partir do Canto II, onde se inicia a exaltação do herói, o rigor histórico cede o lugar à licença poética, começando por um detalhado retrato físico do capitão. A relativa majestade de tom das primeiras estrofes degenera em prosaísmo e a faceta anacrónica não escasseia: «E diplomado foi pela Escola Naval / Com classificação de estudante distinto»⁶⁶. Daqui por diante torna-se impossível situar o conteúdo do poema dentro de parâmetros históricos verosímeis. O anseio de exaltar a lusitanidade de Cabrilho e de estabelecer uma relação entre a viagem de descobrimento e a presença portuguesa nesta orla do Pacífico conduz a impressionantes acrobacias lógicas e cronológicas. Cite-se como exemplo a cena em que, ainda na época de quinhentos, o mordomo de uma das supostas sociedades fraternais portuguesas na Cidade do México e proprietário aí de um estabelecimento denominado Café Lusitano obtém um depósito bancário de 20 000 pesos em ouro e prata para cobrir os custos de uma festa do Espírito Santo à moda do Faial.

Este perspectivismo emigrante no tratamento de personagens e situações interpõe-se amiúde à realidade histórica. Para além de ocasionais anglicismos («oficiais» por «dirigentes» ou «indianos» por «índios»), observa-se uma concepção dos padrões de vida quinhentistas obviamente formulada segundo modelos aprendidos além-Atlântico. A segunda parte de uma briga entre Cabrilho e um valentão mestiço dentro e fora do café do faialense João Rosa é descrita em termos de um combate de *box*, com alusões até ao *referee* e ao *gong* que marca «o tempo do desmaio»⁶⁷. Note-se de passagem que Guilherme

⁶⁶ *Idem*, p. 240. Cabrilho recebe até um diploma da Escola Naval, que mostra a Carlos V.

⁶⁷ *Ibid.*, p. 246.

Glória utiliza contudo o episódio para o revestir de tonalidades moralizantes, de acordo com a tónica de muita da literatura emigrante da sua época e das seguintes: depois de soado por Cabrilho, o mestiço deixa a bebida e torna-se um bom cristão. Haveria também que acrescentar que se nota aqui a tendência, consciente ou inconsciente, de acercar o fundo pseudo-histórico quinhentista a uma actualidade migratória: João Rosa é proprietário de um café, ocupação não infrequente de portugueses na Califórnia durante a época em que o autor viveu.

Por outro lado o autor projecta para o futuro a facticidade histórica na cena em que Cabrilho, ao ser notificado da sua missão de explorar a costa da Califórnia, imagina como se processará o desenvolvimento da comunidade portuguesa nesse território:

Ali afluirão da raça portuguesa
 Imensas multidões, que encontrarão riqueza,
 As terras cultivando e navegando os mares,
 Desertos convertendo em preciosos pomares,
 E tornando em jardins montanhas e valados,
 Tendo a ciência especial da criação dos gados.
 Seus filhos construirão cidades e aldeias,
 Seguindo do progresso as modernas ideias;
 Mas não olvidarão essa terra jamais —
 O nobre Portugal, donde vieram seus pais! ⁶⁸

A despeito de flagrantes fragilidades estruturais e formais, como digressões, incoerências e um discurso rígido e até mesmo forçado, tocado aqui e ali de franco apoeicismo, a obra consegue em certos passos atingir uma relativa ressonância e tensão interna. O tom geral, enfatizando valores nacionais, morais e religiosos, vai evidentemente de encontro à sensibilidade do

⁶⁸ *Ibid.*, pp. 266-267.

público emigrante, receptiva a intencionalidades como a expressada no remate do poema:

Aqui eu deixo erguido um monumentozinho,
Que, embora erecto à pressa e sem aprumo e alinhado,
Tem, todavia, o dom de ser espiritual,
Em honra desse herói, filho de Portugal!
Seu fim é perpetuar de Cabrilho a memória,
E dar à nossa pátria a sua imortal glória!⁶⁹

9. *Duas obras autobiográficas e outra prosa*

A prosa ocupa um espaço relativamente tímido no acervo total da literatura de emigração, quase toda virada para a expressão poética. Torna-se curioso registar também que as obras de maior envergadura surgem em inglês, um facto talvez explicável pela mais reduzida familiaridade do emigrante chegado jovem com a ficção ou o ensaio nacionais do que com manifestações poéticas, vigentes na diáspora pelo menos através da tradição oral ou do *repentismo* da «cantoria».

Entre estes prosadores aculturados destacam-se dois, significativamente detentores de nomes anglicizantes: Alfred Lewis e Lawrence Oliver. O primeiro deles, além de poesia em português já tratada neste artigo, deu à estampa dois contos em inglês e a novela *Home is an Island*, em que circunstancia a vida de um rapazinho da ilha das Flores, desde a primeira infância predestinado para a emigração, embora a tensão interna seja mantida através da obra com a alternativa de uma vida dedicada ao sacerdócio. Como aponta Nelson Vieira⁷⁰, toda a estrutura da novela assenta nesta base dilemática.

⁶⁹ *Ibid.*, p. 321.

⁷⁰ Nelson H. Vieira, «Alfred Lewis's *Home is an Island*—Implications of an Invented Style», *Gávea-Brown*, Vol. I, no. 1, Janeiro-Junho de 1980, p. 18.

O trecho, continua, serve apenas para veicular a apologia da vida simples da terra natal.

A intensa dosagem autobiográfica de *Home is an Island* transparece desde as primeiras páginas. A fictícia Beira da novela reflecte obviamente a Fajãzinha onde o autor nasceu. As vivências pessoais irrompem periodicamente: o pai emigrante, a educação orientada pelo padre, a juvenil colaboração no periódico local, o anseio de partir, presumivelmente memórias de cenas mais marcantes, como a primeira comunhão, a pesca na praia, a desfolhada ou a matança do porco e o recorte de figuras de outrora como aquela Aunt Maria, a parteira que assoma também num dos seus poemas portugueses.

A novela apresenta uma configuração circular. O primeiro e o último capítulos focam os momentos anteriores à partida para a América, deixando que o corpo da obra seja constituído por uma retrospectiva do período infantil e adolescente do protagonista. O remate assume um claro valor simbólico: a caminho do embarque, o protagonista pára no alto de um cabeço e contempla de um lado a terra que está deixando e do outro o barco que o irá levar. Aldeia e barco representam pois a dicotomia que preside a toda esta literatura de emigração.

Home is an Island desvenda uma temática muito semelhante à da poesia em português do autor. O telurismo islenho assoma a cada momento, acentuando a genuinidade da visão: o autoritarismo paterno e materno, a omnipresença da religião, o intenso patriotismo, crenças populares ou cenas características, ainda que repassadas de quotidianismo. Algumas destas últimas são dadas com admirável realismo, como as da descrição da freguesia vista à luz de uma lanterna de petróleo, a caminho para a Missa do Galo, ou a do banho dos garotos na ribeira. A frescura no tratamento do dia-a-dia infantil alia-se harmoniosamente ao modo como o autor traduz o pastoralismo da vida açoriana no primeiro quartel do século. De facto, uma visão plácida da ilha reaparece periodicamente, numa clara aproximação a moldes recorrentes também noutras facetas da literatura de emigração. A ambiência é pois expressada a um

nível extremamente ameno, só raramente fracturado por episódios de mais acentuada dinâmica, como o do naufrágio do navio francês.

A obra revela também uma apreciável mestria no recorte dos personagens, focados nos momentos mais pertinentes da sua actuação. O contraste entre a mãe e o pai do protagonista, ela possuída pela sua obsessão de encaminhar o filho para o sacerdócio como única via possível de felicidade, ele mais liberal e analítico, preferindo a opção da ida para a América, representa uma constante temática que muito contribui para atenuar uma potencial paralisia da acção. Por outro lado não escasseiam notas de verismo no comportamento dos personagens, como a rápida constatação de que José, o protagonista, não se sente no seu íntimo diferente depois de fazer a sua primeira comunhão ou o seu embarço ao aproximar-se o momento da despedida:

He felt rather silly and did not know exactly what to do. He had never parted from anyone before. He did not now how to begin. Should he cry together with his parents? And if he did, if he let his heart be master, what would the heroes of the past say? Were they to know, would they laugh? They would, surely. He opened the door.

His father stood by; his teasing ways were gone. Oh, how silly all this was! ⁷¹

Anote-se, entre parênteses, que a alusão aos heróis do passado, modeladores do procedimento de José, não reflecte o irrealismo que à primeira vista pareceria sugerir. Alfred Lewis mostra-se consciente da excessiva dosagem de patriotismo de que a educação básica do seu tempo se encontrava imbuída,

⁷¹ Alfred Lewis, *Home is an Island*, New York, 1951, pp. 304-305.

actuando necessariamente sobre os espíritos juvenis, e num certo ponto oferece dela uma implícita crítica:

He was reading about some feat concerning the first king of Portugal, a terrible battle where thousands of Moors had been slain, when a light tap on his shoulder brought him to reality.

«It is good, that story?» the Professor inquired.

«About the Moors? Yes ...» Jose replied.

Professor Silva smiled. «Our conquests were a matter of necessity. Heroes are the result of many things! bread, or the want of it, made our history. Even the Moors had some rights, after all.»

«They were our enemies,» the boy said. «They were in our land.» He couldn't help feeling that his teacher was in a teasing mood; he, and his definitions — the had-to-understand talk.

Professor Silva continued, «And how did we acquire title to our land? By what right? Did we have any right other than that of survival »⁷²

Uma faceta especialmente bem lograda é a do alvoroço do despertar amoroso. O incipiente impulso erótico de José aparece sempre ligado ao conceito de pecado, num toque de realismo ilustrativo dos estritos padrões de moral sexual então predominantes na atmosfera insular: o primeiro pensamento do adolescente ao sair do quarto a que a irmã do professor o atraía para o beijar foi que seria necessário confessar-se. Mesmo em relação a Maria da Serra, que José envolve numa aura poética, a potencialidade do pecado está presente, ainda que se trate de um episódio tão inocente como um furtivo encontro de mãos entre o monte de espigas de milho.

Home is an Island evidencia muitas ingenuidades e muitos achados. A obra oscila de facto entre decepcionantes convencionalismos e instantâneos de magnífica veracidade. Neste deve e haver literário seria de notar, do lado negativo, um confrangedor tom de artificialismo, patenteado através de características estruturais e estilísticas. A constante preocupação

⁷² *Idem*, pp. 184-185.

de sublinhar o tipismo da ilha natal arrasta com efeito o autor a capitular a uma aproximação àquela medíocre prosa americana, duplicada por certa linguagem fílmica, em que uma cultura estrangeira é retratada só epidermicamente através de excentricidades de comportamento e de risíveis construções verbais de sabor alienígena, tudo resultando num nível não muito distante de um caricatural inconsciente. Personagens que andam descalços expressam-se com um tom quase erudito e especulam com conceitos que estariam normalmente muito para lá dos parâmetros da sua experiência vivencial. Nesta abordagem romantizada, a raia o turístico, as figuras apresentadas por vezes mais parecem figurinos na sua maneira de actuar e de verbalizar emoções. Esta inverosimilhança ilustra-se de um modo directo através do seguinte fragmento de diálogo entre o protagonista e o prior da freguesia:

«Well, that's good.» Father Corvelo smiled. «And what prayers do you know?»
 «Everything. Besides, I can ask the meadow larks to sing and they sing.»⁷³

Uma atitude semelhante descortina-se noutro passo, em que o protagonista se dirige a um pescador emigrado em San Diego, de passagem pela ilha:

«And that's where you live?» Jose asked.
 «There and in my boat. Sometimes we go south, to the waters of the tropics. We stay many weeks. We fish and sing the songs of our island. We eat good American food — lots of it. At night we sleep and listen to the sighs of the waves.»⁷⁴

A par destas estranhezas da armação externa, aparecem a cada momento artificialismos linguísticos que de um modo

⁷³ *Ibid.*, p. 99.

⁷⁴ *Ibid.*, p. 211.

geral prejudicam a aceitação dos personagens e ambiência por parte do leitor: o pai de José é mencionado como «senhor de Castro» e outras figuras designam-se como Maria da Serra, Tio Medeiros, Tio Rodrigues, Tio Dias ou Tio Miranda. Este anseio de enfatizar o anômalo à custa do rigor linguístico leva mesmo o autor a fazer com que a mãe do protagonista utilize um insólito vocativo «*senhor husband*»⁷⁵. Noutras ocasiões Alfred Lewis, nem sempre de uma forma totalmente inábil, admita-se, lança-se à tentativa de conferir um *facies* português ao discurso inglês, numa possível imitação de idênticas técnicas na ficção de Hemingway. Há provérbios e giros linguísticos traduzidos literalmente⁷⁶ e a certo ponto uma abelha é referida pelo pronome feminino *she*, ao invés do que sucederia normalmente em inglês. Não estranha pois que Nelson Vieira considere este autor «obviously a Portuguese writer of English expression»⁷⁷.

Outras quebras da fachada lógica assomam aqui e ali, como o episódio em que José recorda o tempo em que era amamentado, ou a referência a estudantes de Coimbra velejando no Rio Vouga. Estes ténues deslizos não ofuscam contudo as facetas positivas da obra, sobretudo a autenticidade que se vai progressivamente adquirindo para o fim da narração, onde uma muito aceitável dimensão emocional neutraliza anteriores notas de forçada especificidade. As últimas páginas, sobretudo, carregadas de sincero subjectivismo, redimem muitas das limitações apontadas. Mesmo antes, os instantâneos de bem conseguida veracidade não são de modo algum raros. Como ilustração deles poderia citar-se a cena em que José não resiste à tentação de oferecer à sua juvenil amada um dos três coelhos caídos nas suas armadilhas, mesmo prevendo a desfavorável reacção paterna.

⁷⁵ *Ibid.*, p. 88.

⁷⁶ «He writes right, over a crooked line» (em referência a Deus), *ibid.*, p. 244.

⁷⁷ Nelson H. Vieira, «Alfred Lewis's ...», *op. cit.*, p. 18.

Um aspecto fortemente afirmativo da novela reside nos frequentes ecos da realidade emigrante, dados através de retrospectivas por parte de «americanos» retornados ou de passagem na ilha:

«A boy of sixteen I was when I went. Did not know a word of that strange language. Just work. Out of bed at three every morning. The grain fields of California ... Sacks, sacks, full of grain. Hundreds, thousands ... Year after year. Twenty dollars a month. A gold piece; heavy, very good ...»⁷⁸

A magnífica concisão com que aqui se epitomiza a gesta dos antigos emigrantes contrasta muito favoravelmente com os outros passos em que a experiência insular na Califórnia é traduzida em tons de menor aceitabilidade lógica. O mesmo se poderia dizer da evocação de outra fase da trajectória emigrante, a pastorícia, apresentada num capítulo anterior⁷⁹. Tal como o faz na sua poesia, Alfred Lewis destaca nesta obra a chegada ou presença do emigrante como ponto alto da vida da ilha. Aliás a ideia da emigração para a América paira por todo o relato. Até as crianças na partida, que lhes permitirá aforrar o capital necessário para voltar e comprar terra. O êxodo parece ser encarado pelo autor com uma relativa ambivalência. Por um lado a estadia em terras americanas sem dúvida molda a personalidade do ilhéu num sentido mais desejável. Poderia, por exemplo, detectar-se uma correlação entre os quinze anos de emigração do pai de José e a sua atitude, mais tolerante e esclarecida que a de sua mulher. Até ela nota que o marido voltara cambiado. Por outro lado entra em jogo a dimensão afectiva e ocasionalmente chega a esboçar-se um quase síndrome de Velho do Restelo.

Poderia afirmar-se que em vasta medida *Home is an Island* assume o carácter de uma novela de emigração, ainda que

⁷⁸ Alfred Lewis, *Home is an Island*, op. cit., p. 282.

⁷⁹ *Idem*, pp. 106-107.

o componente migratório seja apresentado através de engenhosas retrospectivas. Na realidade o ângulo narrativo predominante não é o da criança mas o do emigrante olhando de longe a terra de onde partiu com uma óptica que o distanciamento apurou. (Esta mundividência não exclui contudo alguma autêntica perspectiva infantil, como é o caso com a cena da matança do porco.) Na novela coexistem pois as duas vertentes da literatura de emigração, um passado islenho que agora é presente e um presente californiano camuflado como pretérito mais-que-perfeito narrativo. É sem dúvida a hibridização cultural de Alfred Lewis que leva à por vezes desconcertante instabilidade da obra, à incapacidade de conciliar métodos directos de observação, presumivelmente aprendidos da literatura americana, com um quase doentio pendor para uma muito ancestral deturpação romântica das vivências de cá e de lá.

Alfred Lewis assina também dois contos em inglês publicados na revista *The Prairie Schooner*⁸⁰. Em ambos, os protagonistas são mexicanos vivendo na Califórnia. «Box-Maker De Luxe» conta a história de Manuel Martínez, que pretende investir os 1500 dólares recebidos por uma época de trabalho na compra de um «rancho» no México. No entanto, antes da partida vai a um bar e acaba por ser roubado de todas as suas economias por uma mulher que o leva consigo. Em «Fame, Fortune and Tequila» praticamente todo o espaço narrativo é preenchido pelas reminiscências de José de los Ríos y Sánchez ao evocar seu pai, músico e compositor popular.

Nos dois contos a aproximação a uma cultura estrangeira assenta nos mesmos princípios utilizados para *Home is and Island* mas neles o grau de esquematização revela-se ainda mais alto. Trata-se de duas narrativas francamente medíocres,

⁸⁰ Alfred Lewis, «Box-Maker De Luxe», *The Prairie Schooner*, Vol. XXIII, 1949, pp. 373-377 e «Fame, Fortune and Tequila», *The Prairie Schooner*, Vol. XXIV, 1950, pp. 383-389.

tanto pelo tratamento convencional dos personagens como pela trivialidade dos temas. Ressalve-se contudo, sob o aspecto técnico, a relativa originalidade do desfecho do segundo conto — a revelação de que o protagonista é um conhecido mentiroso — em aberto contraste com a previsibilidade do desenlace do primeiro. A caracterização mexicana é dada sobretudo pela introdução de termos espanhóis, aliás nem sempre correctos, um processo semelhante ao empregado em *Home is an Island*. A imagem projectada pelos figurantes não se distancia muito dos naturalmente falseados estereótipos que tantas vezes a mentalidade norte-americana forma a respeito dos seus vizinhos do sul. Em ambos os contos o autor não resiste contudo a introduzir, ainda que de modo subjacente o elemento português, consubstanciado em personagens de fugaz intervenção.

Lawrence Oliver (Lourenço Oliveira) nasceu na Calheta do Nesquim, Ilha do Pico, em 1887. No dia exacto em que fez 16 anos emigrou clandestinamente para a América, com uma trouxa de roupa e uma moeda de ouro de cinco dólares. Fixou-se primeiro em New Bedford, onde se empregou na agricultura e numa fiação. Trabalhou depois para um tio em Chico, na Califórnia. Embora já com 18 anos, começou então a frequentar a escola, lado a lado com crianças de seis, pois no seu Pico natal não tivera jamais a oportunidade de aprender a ler e a escrever. Em 1906 veio para San Diego, onde encontrou trabalho fazendo entregas de peixe a restaurantes com uma carroça. Continuou a estudar e dedicou-se sucessivamente a várias actividades que culminaram na direcção e propriedade de lucrativas empresas, tais como uma fábrica de gelo, outra de farinha de peixe, um banco, a companhia de gás e electricidade de San Diego e um «rancho» destinado à criação de gado, assim como sociedade em vários barcos atuneiros. Lawrence Oliver faleceu em San Diego em 1978.

*Never Backward*⁸¹, a única obra deste autor, vinda a lume em 1972, foi ditada a Rita Larkin Wolin, que também preparou o original para publicação. Trata-se essencialmente de uma auto-biografia, ainda que a narração se desenvolva em realidade a três níveis: o pessoal e familiar, o da comunidade portuguesa de San Diego e, ainda que em menor escala, o do país durante cerca de três quartéis.

No primeiro nível Lawrence Oliver relata a sua trajectória profissional, desde as mais humildes ocupações até uma cómoda situação financeira. Esta trajectória acusa com nitidez os traços mais predominantes do comportamento emigrante português na Califórnia: escrupulosa honestidade, incessante apego ao trabalho, um austeríssimo estilo de vida nos primeiros tempos, uma reverente adesão a valores tradicionais, religiosos e familiares e um indefectível saudosismo em relação à ilha natal. (O que torna contudo a carreira de Lawrence Oliver anómala dentro do contexto emigrante é a contínua experimentação com novas formas de actividade.)

Ao nível comunitário o autor procura explicitar as características genéricas mais relevantes dos seus compatriotas na Califórnia, assim como divulgar a um público não iniciado diversas manifestações da cultura tradicional portuguesa perdurantes na diáspora. A sua apresentação denota certa unilateralidade e algo de simplismo, em harmónica consonância com a óptica comum desta literatura de emigração.

A nível nacional ressoam na narrativa os ecos das etapas mais traumáticas da história americana durante a vida do autor: a tensão provocada pelas incursões de Pancho Villa, a Primeira Guerra Mundial, a crise económica dos anos 20 e 30, a Lei Seca e finalmente a Segunda Guerra. O último conflito afectou aliás Lawrence Oliver de um modo directo, pois o Governo Americano mobilizou barcos atuneiros em que ele possuía sociedade.

⁸¹ Lawrence Oliver, *Never Backward*, San Diego, 1972.

Como primeira obra — e concebida já na casa dos oitenta — *Never Backward* acusa necessariamente algumas deficiências estruturais e linguísticas. A narração revela-se por vezes um pouco desordenada, detectam-se casos de falta de exactidão ou de impressionismo histórico, e surgem exemplos de grafias incorrectas, frases ambíguas e sintaxes discutíveis. Estas pequenas carências não chegam contudo a ofuscar de um modo sério a envergadura da obra, no que ela tem de magnífico testemunho de humanidade. O livro constitui de facto uma impressionante lição de compreensão e tolerância que transcende as barreiras de consanguinidade e etnicidade tão frequentes entre os emigrantes portugueses e que em última análise se encapsula na máxima bíblica citada pelo autor como postulado prioritário da sua vida: «Do unto others as you would have them do unto you»⁸².

A luta pela existência em terra alheia, tal como é relatada na obra, assume um carácter paradigmático, no que tem de revelador quanto à afincada determinação do jovem emigrante, analfabeto, pobre, ignorante da nova língua e totalmente alienado quanto às constantes vitais do país de acolhimento. O seu substrato quase épico é afinal o de muitas outras histórias de emigração jamais narradas em letra de imprensa. Neste contexto reveste-se de especial significado o facto de o depoimento se iniciar não com os primeiros tempos da vida do narrador-protagonista mas com o momento exacto da partida:

I don't see how any boy could ever have celebrated his sixteenth birthday in a more memorable fashion than I celebrated mine. I was lurking near a pier in the harbor of São Miguel, in the Azores, looking out on the one hand for the law and on the other for the sight of a launch, which, God willing, would smuggle me and several other boys onto a White Star Steamer whose destination was the United States.

⁸² *Idem*, p. 219.

I had in my pocket one five dollar gold piece — borrowed. Most of my clothes I wore on my back. I had never been to school. I could neither read nor write, nor could I speak or understand a word of English.

The launch arrived. We jumped in. The men rowed for dear life. Had we been caught, everyone would have been arrested. In a few minutes we met the steamer and boarded her as fast as humanly possible. The ship hoisted anchor. We were on our way to America, on my sixteenth birthday, March 27, 1903! ⁸³

A singeleza estilística prenunciada já neste intróito concretiza-se ao longo da obra num ritmo fácil e agradável e num discurso entremeado aqui e ali por toques de oralidade como as exclamações *oh golly!* ou *oh gosh!*, ilustradoras da extrema espontaneidade que o autor empresta ao desenrolar das suas reminiscências.

A prosa ficcional está igualmente representada por Fausto Lage. Nascido em 1894 perto de Chaves, formou-se pela Universidade do Porto e prestou serviço como médico militar em Angola e Cabo Verde. Em 1925 emigrou para os Estados Unidos, tendo vivido alguns anos em Massachusetts antes de se fixar em 1959 na cidade de San Diego. Dois anos depois mudou-se para San Leandro, onde continuou a exercer a sua profissão até quase aos noventa anos. A bibliografia de Fausto Lage inclui o romance *Joana d’Arc*, presumivelmente de 1948, e uma obra de ficção científica, *Fantastic Dilemma*, publicada em 1951, cujo enredo se localiza em Cabo Verde. As suas vivências de emigração encontram-se apenas presentes num original inédito, *Uma Família Portuguesa na Nova Inglaterra*.

Um outro autor, Jack Martin, nascido perto de Lisboa, emigrou em 1961, aos 23 anos de idade, para a zona de Sotckton, onde actuou como cantor. A sua obra *Hallucination*

⁸³ *Ibid.*, p. 1.

of *Death*, de 1975, revela-se alheia a qualquer problemática emigrante ⁸⁴.

The Portuguese Tribune tem recentemente albergado nas suas colunas contos de Lourenço Aguiar, muito ao jeito da ficção folhetinesca de disseminação popular, como se pode observar pelo seguinte fragmento:

Amo-te muito, encantadora Natércia! Este amor fará de ti minha mulher, construirá a nossa felicidade num deslumbrante horizonte de paz, harmonia e bem-estar. Viverás sorridente, sempre protegida no suave calor dos meus braços, sempre apegada ao afecto do meu coração ⁸⁵.

O mesmo jornal tem publicado regularmente crónicas de Alberto Lemos, um picoense radicado em San Diego. Mau grado uma linguagem excessivamente empolada e prenhe de convencionalismos, estas crónicas oferecem um conteúdo factual de considerável interesse histórico nas suas relevantes evocações da baleagem no Pico e de outras facetas da vida açoriana tanto nas ilhas como na Califórnia.

10. A Poesia Circunstancial

A sempre latente veia poética do emigrado manifesta-se nas ocasiões mais díspares para verbalizar qualquer acontecimento ou atitude que mais desperte a sua sensibilidade. Nas suas linhas mais amplas, estas composições desdobram-se em duas vertentes: a comemorativa e a acusatória. Em escassíssimos casos apenas se irá encontrar poesia de alguma qualidade. O seu valor revela-se mais que tudo sociológico e reside na

⁸⁴ A relativa inacessibilidade às obras destes dois autores não permitiu um exame mais circunstanciado delas.

⁸⁵ Lourenço Aguiar, «Amor e Lágrimas», *The Portuguese Tribune*, 17 de Julho de 1980.

documentação da *petite histoire* da comunidade e de tomadas de posição ante acontecimentos na sua grande maioria consideravelmente triviais. Neste contexto seria de situar a poesia circunstancial como parente próxima da literatura diarística.

As composições comemorativas podem incidir sobre uma problemática pessoal mas com maior frequência aludem a acontecimentos que envolvem uma repercussão colectiva. No primeiro dos casos consistem sobretudo numa poesia de efémera presença em jornais emigrantes ou numa lírica inédita, posta no papel mais como forma de desabafo ou confidência do que como mensagem a atingir um público⁸⁶, e apresenta-se marcada por uma dimensão intimista, como no fragmento seguinte, extraído de um poema de Júlia Rodrigues, alusivo ao falecimento de uma pessoa querida:

Sem lhe puder fazer bem.
Me juelhava a rezár.
Diante de Nóssa Senhora.
Que estáva lá num áltár.

Os Doutores me dizião.
Que êle que ia murrer.
Mas a fé era tão grande
Que eu nunca queria crer.

Pedindo-lhe que o curásse.
Pelo seu santo amôr.
Mas ela veio mo buscár.
Para junto do Senhor.

Até que chegou ao dia.
Que eu estive que acreditar.
Estando junto ao seu leito.
Ali o vi espirár.⁸⁷

⁸⁶ Duas excepções são Guilherme S. Glória e Arthur V. Ávila que nas suas obras publicadas incluem poesia pertencente a este subtipo, com frequência de carácter necrológico.

⁸⁷ Júlia Rodrigues, «O Coração Triste», poema manuscrito composto em 25 de Dezembro de 1951 e recolhido em San Diego em 1967. A ortografia da autora foi mantida.

A poesia necrológica, como de resto toda a poesia circunstancial, só excepcionalmente alcança um calibre expressivo mais elevado, como o que se pode constatar no soneto abaixo:

Ao Meu Irmão

Enche-me a alma uma mancha escura:
Só lhe pesam mágoas de amarga dor;
te agradeço, penhorado, Senhor,
a graça de o levar à sepultura.

Lá o deixei c'o Pai, na campa escura
e fria, tão triste, antes do sol-pôr.
Continuo a sentir o teu amor
todo bondade, conforto e ternura.

A carne, torturada, fracassou ...
Mas o espírito jovem jamais
morreu. Continua a viver em nós.

Ao Deus que desta vida te arrancou,
pede por todos nós, pobres mortais,
torne mais leve a minha dor atroz.⁸⁸

De outras composições emerge uma temática diversificada, oscilando desde o confessional — como num poema em que a autora celebra a sua reconciliação com o marido —, até o prosaicamente quotidiano:

Que possas emagrecer
Mas a força conservar;
O pior é os vestidos
Que terei de consertar!⁸⁹

⁸⁸ Décio de Oliveira, «Ao Meu Irmão», poema composto a 15 de Agosto de 1982 e publicado em *The Portuguese Tribune* a 4 de Setembro de 1982.

⁸⁹ De um poema manuscrito por Branca Maria Gomes, recolhido em San Diego ao mesmo tempo que o de Júlia Rodrigues. Também aqui foi mantida a ortografia da autora.

Apesar do predominante rudimentarismo de expressão — solecística mesmo por vezes — e de uma forte dosagem de banalidade, em alguns destes poemas podem desortinar-se chispas de um lirismo verdadeiramente sentido. Nele os parâmetros mentais e emocionais coincidem de um modo geral com os do corpus saudosista da literatura emigrante, com especial ênfase do exacerbamento sentimental e da nota nostálgica em relação à terra deixada para trás.

O acontecimento de impacto colectivo é contudo aquele que mais habitualmente desencadeia o impulso de versejar. Já nas suas *Poesias* Guilherme S. Glória desenrola toda a série de poemas inspirados por eventos de cunho comunitário: a festa do seti-centenário de Santo António de Lisboa na cidade de Patterson, homenagens a actuações de sociedades fraternais, comemoração do aniversário de um programa de rádio em português, a morte do Presidente William McKinley, a chegada à Califórnia dos aviadores portugueses participantes no *raid* Lisboa-Macau, boas-vindas a personalidades visitantes, cataclismos nos Açores e outros. Trata-se de um ciclo poético facilmente olvidável, excepto pelo contributo que aporta a um possível estudo do percurso social do grupo português na Califórnia. Também Arthur V. Ávila, em *Rimas de um Imigrante*, baseia composições em sucessos susceptíveis de impressionar os seus rádio-ouvintes, como o lançamento do primeiro satélite americano ou a subscrição em favor das vítimas do vulcão dos Capelinhos, ou utiliza momentos especiais do calendário americano como o Memorial Day — o Dia dos Mortos de Guerra — e o Dia de S. Valentim — o Dia dos Namorados — para se lançar em jogos conceptuais ou verbais de fácil efeito.

Este tipo de poesia assoma também em jornais de língua portuguesa, curioso como registo de atitudes mas sem de uma

maneira geral se distinguir grandemente pelo seu nível artístico ou até linguístico, como o ilustra o seguintes fragmento:

Está de parabéns o Jornal	Pioneiro da Comunidade
Que completou noventa e três	Lido, cá e em todo Portugal
Director e todo pessoal	Esperam-no com ansiedade
E também, o leitor português.	Servir todos é o seu ideal. ⁹⁰

Tem já noventa e três anos
Mas sempre jovem e actual
Incompreensões, desenganos
Quem o dirige é um mortal.

Pelo seu carácter de excepção, dada a natureza menos circunscrita do tema e a mestria patenteada na manipulação da palavra poética, há que destacar dentro desta linha um poema de Pedro da Costa:

Cinco Balas Quiseram Matar a Paz

Cinco balas quiseram matar a Paz
e o seu eco macabro fez-se ouvir
em toda a Europa, América, Ásia e África,
chocando a todos os que ainda sentem
respeito e compaixão p'la vida humana.

Cinco balas quiseram matar a Paz
e calar a voz daquele que a epitomiza:
— polaco patriota, poeta, papa ... homem.
Mas não puderam; sua missão não terminou,
talvez até mal tenha começado ...

Cinco balas quiseram matar a Paz
como tantas que diariamente a matam
na Irlanda, El Salvador e nas ruas da América!
Mas João Paulo tinha ainda muito que fazer
neste mundo sedento de fraternidade.

⁹⁰ A. Lopes da Câmara, «Felicitando o *Jornal Português* e o seu Director», *Jornal Português*, 10 de Dezembro de 1981.

Cinco balas quiseram matar a Paz
 mas desta vez falharam o seu alvo.
 O Papa viverá, e com ele a esperança
 de que ao ódio e à injustiça se oporá o amor
 e à violência e à morte, a paz univelsal! ⁹¹

Em círculos mais restritos a poesia de circunstância de alcance colectivo floresce de igual modo na forma de composições manuscritas, assinaladoras da crónica comunitária, deficitárias também sob o ponto de vista estético, mas valiosas na medida em que testemunham a predisposição lírica do grupo emigrante, não só no aspecto da elaboração poética, como no da receptibilidade à mesma. Como na restante produção, a temática oscila desde a documentação de quase fúteis eventualidades à de outras de maior eco, como a relatada no extracto abaixo:

Quinta-feira de Ascensão	Cantando Ave, Maria,
Foi um dia tão lembrado!	Uma tão linda oração.
P'ra o povo de Point Loma
Ficará sempre gravado	O Rev'rendo Senhor Bispo
.....	A Imagem veio Benzer,
As crianças da escola	Estavam centos de pessoas,
Vieram em procissão,	Co'as lágrimas a escorrer! ⁹²

A poesia acusatória, lídima descendente no seu espírito, se não no seu calibre, das cantigas de escárneo medievais, comparte com estas o carácter hermético e a violência do ataque. Publicada geralmente em jornais mas circulando também em forma policopiada, visa figuras de destaque do seu

⁹¹ Composto a 13 de Maio de 1961 e publicado em 4 de Junho do mesmo ano em *The Portuguese Tribune*. Outra poesia de Pedro da Costa (Pedro Valadão da Costa) será tratada no capítulo deste trabalho dedicada à «geração universitária».

⁹² Poema inédito de Júlia Rodrigues, referente à visita da imagem da Virgem de Fátima a San Diego e recolhido nessa cidade em 1967.

grupo social, muitas vezes com uma desoladora falta de moderação e mesmo de espírito. Dado o seu carácter de literatura à *clef*, é de duvidar que a mensagem ultrapasse de um modo substancial os limitados circuitos sociais onde é produzida, um facto reforçado pela vasta dispersão geográfica dos núcleos portugueses na Califórnia. Veja-se como exemplo o seguinte poema, firmado pelo pseudónimo Bocage Júnior:

Eu vou contar a história
Nesta página de glória
Dum fiscal bem afamado,
Um vendedor de quinineo
Contrabandista felino
De Salazar afilhado.

Foi fascista e bem ferrenho
Pianista de empenho
Na Figueira dos Finórios
Trabalhou em Moscavide
Tudo por conta da PIDE
Lá nos fornos crematórios.

Um fiscal de Alavanche
Herói de Madame Blanche
Morou na Rua das Madres,
Teve grandes pensamentos
E comprou apartamentos
Com a esmola dos compadres.

Belos tempos já lá vão
Agora velho e sem bordão
Ainda quer namorar
E vai atrás das velhinhas
Com doces palavrinhas
A ver se calha a bingar.⁹³

Esta modalidade de insulto poético — explícito em si próprio apesar da camuflagem do seu alvo — constitui indubitavelmente a mais lamentável faceta da literatura de emigração, ainda que se lhe possa atribuir o discutível valor de testemunhar a complexa rede de ocas animosidades que tantas vezes envolvem indivíduos e grupos dentro da comunidade. Acrescente-se à guisa de consolação que a poesia acusatória tem perdido muita da sua vitalidade depois dos anos 70, sobretudo devido a um nítido esforço de depuramento de critérios editoriais por parte dos directores dos três periódicos em língua portuguesa publicados na Califórnia.

⁹³ Bocage Júnior, «Guarda dos Crematórios», *Voz de Portugal*, 1-5 de Abril de 1980.

11. *Dois escritores transplantados:*
Jorge de Sena e Urbino de San-Payo

No panorama de literatura californiana de expressão portuguesa que se tem vindo discutindo haveria que sinalizar dois casos anómalos, os de dois autores já literariamente estabelecidos antes da fase migratória, Jorge de Sena e Urbino de San-Payo.

Nascido em Lisboa em 1919, Jorge de Sena tinha já desempenhado a sua primeira profissão de engenheiro civil em Portugal e vivido largos anos como catedrático no Brasil e nos Estados Unidos (Universidade de Wisconsin) quando chegou à Califórnia em 1970. Fixando-se em Goleta, perto de Santa Bárbara, foi aí professor na Universidade da Califórnia, assumindo também as funções de director dos Departamentos de Espanhol e Português e de Literatura Comparativa. Faleceu em Santa Bárbara em 1978.

Tendo iniciado a sua fase californiana com reputação de poeta, contista, dramaturgo e crítico já solidamente afirmada, incrustando-se nos círculos académicos de uma pequena cidade próspera e elitista, de altos padrões intelectuais e artísticos, onde a presença portuguesa se revela escassíssima, Jorge de Sena está, como é óbvio, longe de ter partilhado os moldes migratórios comuns. A sua existência nestas terras marcou-se pois quase necessariamente por uma considerável alienação face ao dia-a-dia da emigração portuguesa⁹⁴. Como resultado, pouquíssima da sua obra tem que ver com a experiência migratória directa. É significativo desta posição o facto de nas quase onze páginas com que prefacia o livro de Helder Pinho *Portugueses na Califórnia* só de modo muito esporádico

⁹⁴ «Sem me considerar, efectivamente, o emigrante que na realidade sou...», Jorge de Sena, «Algumas palavras de californiana introdução», prefácio a Helder Pinho, *Portugueses na Califórnia*, op. cit., p. 9.

e tangencial abordar a vivência californiana. Por outro lado, em outros escritos tocando o tema da fixação na América denota uma irresistível tendência para se embrenhar em digressões pessoais ou considerações de carácter genérico⁹⁵. Quase o mesmo se poderia afirmar de um breve comentário intitulado «Viver no Estrangeiro», publicado a título póstumo em *The Portuguese Tribune*⁹⁶. É também sugestivo que o seu antigo aluno e posterior colega, o Prof. Frederick G. Williams, numa entrevista concedida a este mesmo jornal, quase só tenha destacado a faceta académica quando perguntado sobre as relações mantidas por Jorge de Sena com as comunidades portuguesas nos Estados Unidos:

FW: Ele foi convidado várias vezes a fazer discursos, a participar em conferências comunitárias. Você sabe que aqui na Califórnia celebramos o Dia das Comunidades Portuguesas (o 10 de Junho, Dia das Comunidades Portuguesas e de Camões é celebrado separadamente), que consiste de várias actividades, inclusive sessões de trabalho sobre questões sócio-políticas referentes aos imigrantes e luso-americanos. O primeiro ano celebrou-se na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA) e o segundo aqui em Santa Bárbara, devido somente à presença de Jorge de Sena.

TP: Fora dessas ocasiões, falava nos imigrantes, nos múltiplos problemas que eles enfrentam neste país?

FW: Devo dizer que tudo entrava na conversa dele. Interessava-se por tudo, tudo. Estava bem consciente da presença portuguesa na América. Escreveu, como você sabe, o prefácio ao livro de Hélder Pinho, *Os Portugueses na Califórnia*, assim como poemas que tratam o mesmo tema. Como imigrante português

⁹⁵ Veja-se a título de exemplo «Ser-se Imigrante e Como», escrito poucos meses antes do seu falecimento e publicado em *Gávea-Brown*, Vol. I, no. 1, Janeiro-Junho de 1980, pp. 7-17.

⁹⁶ Jorge de Sena, «Viver no Estrangeiro», *The Portuguese Tribune*, 14 de Agosto de 1980.

na América, escreveu ainda uma secção que integra um dos seus livros póstumos, *Sequências*, incluindo o poema «America, America I Love You», de que já falei. Falava constantemente da experiência imigrante⁹⁷.

No ciclo «America, America I Love You»⁹⁸, mencionado por Frederick G. Williams, uma sequência de poemas provavelmente compostos pouco antes da sua vinda para a Califórnia, Jorge de Sena escarpeliza na verdade vários aspectos globais da vida americana, mais que a vivência portuguesa neste país. Estas composições, de um marcado circunstancialismo, deixam a impressão de uma perspectiva «turística», na medida em que farejam sobremaneira o lado quase exótico do comportamento americano. Paralelamente encontra-se nelas o ataque virulento mas não consubstanciado à idiossincracia estadunidense, tão comum entre intelectuais de vanguarda europeus e latino-americanos: «Serão precisos 80 milhões de carroças / De outro modo a que atrelar os americanos?»⁹⁹

Só um poema deste ciclo incide sobre temática migratória:

Cidadão

O emigrante chegou.
Trabalhou alguns anos:
o tempo de esquecer o aperto dos primeiros sapatos
(calçados para a viagem)
o tempo de não lembrar-se das cidades do seu país
(que nunca vira)

Tem automóvel, televisão a cores, conta no banco.

⁹⁷ «A Face Desconhecida de Jorge de Sena», entrevista por Vamberto A. Frietas a Frederick G. Williams, *The Portuguese Tribune*, 27 de Maio de 1982.

⁹⁸ Jorge de Sena, *Sequências*, Lisboa, ?1978.

⁹⁹ Jorge de Sena, «Valsa da Democracia», *Sequências*, op. cit., p. 87.

Passado o tempo regulamentar,
 deu prova da sua assimilação,
 naturalizou-se, e logo passou a ler com indignação patriótica
 os folhetos da *John Birch Society*,
 e dá cinco dólares por mês para as despesas
 da próxima campanha eleitoral de George Wallace.¹⁰⁰

Duas razões levarão a supor que Jorge de Sena não se estava especificamente referindo ao emigrante português. Em primeiro lugar o poema foi escrito em Agosto de 1969, quando o autor vivia ainda no Estado de Wisconsin, uma zona de nula penetração portuguesa. Não seria pois muito plausível que nessa época Jorge de Sena tivesse um conhecimento íntimo e directo da nossa comunidade emigrante, se alguma vez aliás o chegou a ter. O segundo argumento consiste na não coincidência do processo aculturativa referido com o procedimento típico do emigrante luso, quase invariavelmente desatento em absoluto à dinâmica política norte-americana, mesmo a da extrema-direita mencionada por Jorge de Sena, a que maior consonância ofereceria com o conservadorismo mantido na terra de adopção.

No resto da sua obra o poeta só muito meteoricamente acusa ecos do seu exílio californiano, apenas traduzíveis por fugazes apontamentos paisagísticos¹⁰¹. Em certo momento, contudo, foca um problema da mais extrema premência e validade no contexto da emigração, o do desfasamento linguístico entre pais e filhos:

Noções de Linguística

Ouçó os meus filhos a falar inglês
 entre eles. Não os mais pequenos só
 mas os maiores também e conversando
 com os mais pequenos. Não nasceram cá,

¹⁰⁰ *Idem*, p. 94.

¹⁰¹ Os poemas «Big Sur» e «Santa Barbara», in *Exorcismos*, Lisboa, 1972, p. 71.

todos cresceram tendo nos ouvidos
o português. Mas em inglês conversam,
não apenas serão americanos; dissolveram-se,
dissolvem-se num mar que não é deles.
Venham falar-me dos mistérios da poesia,
das tradições de uma linguagem, de uma raça,
daquilo que se não diz com menos que a experiência
de um povo e de uma língua. Bestas.
As línguas, que duram séculos e mesmo sobrevivem
esquecidas noutras, morrem todos os dias
na gaguez daqueles que as herdaram:
e são tão imortais que meia dúzia de anos
as suprime da boca dissolvida
ao peso de outra raça, outra cultura.
Tão metafísicas, tão intraduzíveis,
que se derretem assim, não nos altos céus,
mas na caca quotidiana das outras.¹⁰²

A perplexidade ante a fácil rejeição da herança linguística por parte dos filhos do emigrante patenteia um claro tom de autenticidade, apesar do quase displicente descarnamento linguístico com que é dada. A transposição do específico — a perecibilidade do português emigrado — para o universal — a mutabilidade das línguas —, embora característica do processo dialéctico de Jorge de Sena, reafirma o seu já atrás apontado distanciamento ante a concreta realidade da presença em terra estranha.

Urbino de San-Payo nasceu em Trás-os-Montes em 1933 e estudou alguns anos em seminários do Patriarcado de Lisboa. Mais tarde começou a publicar poesia, tendo também colaborado no plano literário com a Emissora Nacional e a Radiotelevisão Portuguesa. Viveu em Londres de 1968 a 1970, ano em que se radicou na Califórnia. Reside presentemente em Beverly Hill, na zona de Los Angeles. Da sua bibliografia constam as obras *Escopro*, poesia, de 1961, *Barbaramente ... Tu*,

¹⁰² Jorge de Sena, «Noções de Linguística», *idem*, p. 84.

também poesia, de 1975, *Exorcismos Maiores*, outro «pomorromance», de 1977 e *Plural Transitivo*, crónicas e poesia, de 1982. Colabora também regularmente para *The Portuguese Time*.

Também Urbino de San-Payo chegou portanto à Califórnia com obra publicada. Nos seus primeiros escritos de emigração nada revela da nova espacialidade ou temporalidade. Continua por esse tempo a ser um escritor puramente português, ligado à realidade do antes e só por acidente dela fisicamente amputado¹⁰³. Neste aspecto compartilha algo de comum com Jorge de Sena. Aliás, de certo modo as vivências migratórias dos dois escritores mostram-se paralelas. Habitando uma próspera zona urbana e contactando sobretudo com os emigrantes atípicos seus vizinhos — continentais ligados a actividades terciárias —, terá também Urbino de San-Payo que fatalmente acusar o seu alheamento ante a problemática genérica do emigrante português ou, com mais propriedade, açoriano. Esta situação converge além disso com uma atitude de base confessada pelo próprio autor:

Embora me sinta sempre visceralmente ligado ao mundo ou mundos que me rodeiam, a minha génese criativa parece sentir-se mais confortável nos longos intervalos da memória. E cada vez me é mais difícil escrever hoje de Hoje. Conheço-me mais poeta de longas incubações do que recriador de circunstâncias¹⁰⁴.

Numa fase recente, no entanto, começa a aperceber-se da temática da emigração. No curso de uma entrevista concedida a *The Portuguese Tribune*, ao responder a uma pergunta sobre

¹⁰³ Veja-se Eduardo Mayone Dias, «Urbino de San-Payo, Uma Voz Poética de Hoje», *Gávea-Brown*, Vol. I, no. 2, Julho-Dezembro de 1980, pp. 20-28.

¹⁰⁴ Urbino de San-Payo em «A Literatura Luso-Americana: Que Futuro?» — Uma Mesa Redonda», *Gávea-Brown*, Vol. II, no. 1, Janeiro-Junho de 1981, p. 16.

um possível trauma de desenraizamento, aflora as motivações do seu posicionamento literário:

Desde que se salta da barriga da mãe, passa-se logo à situação de emigrante, com um *e*, o que indica um movimento de dentro para fora. E esse tem sido, pelo menos em tentativa, o movimento dos meus dias passados. Claro que o ego lírico anda por cá, aos tombos, com toda a caterva de lamúrias, desenraizamentos, rostos-de-amigos, saudades, desejos de regresso, etc..... Sim, somos filhos de duas paisagens: a da memória e a vista. A ausência de qualquer delas faz-nos sangrar. Este estado de ausência é uma constante da alma do imigrante. E na impossível fruição simultânea das duas paisagens reside o seu drama. Como não vivo de cor, esse drama é, também, o pão da minha mesa ¹⁰⁵.

A explanação clarifica o *porquê* mas não o *quando*. Para uma justificação deste último seria talvez necessário remontar-se à citação anterior, em que Urbino de San-Payo alude às suas «longas incubações». De facto teria talvez sido a imperiosidade de um longo período de reflexão e amadurecimento de opções artísticas que o levou a esta tardia abordagem do imediato. Ou, ainda que paradoxalmente, teve o poeta de esperar que o presente se tornasse um pouco passado.

Num conspecto geral da sua produção lírica, escassas são ainda as composições em que se acerca de um modo directo à temática da cisão com o passado pátrio. O poema inédito «Temas da Emigração», composto em 1980, encara a panorâmica do afastamento com a óptica tradicional da nostalgia e do desalento ante a nova vivencialidade através de um

¹⁰⁵ Transcrita em Urbino de San-Payo, *Plural Transitivo*, Lisboa, 1982, pp. 11-21. A citação encontra-se na página 12.

esquema em forma de diálogo em que filho e mãe patenteiam como a separação resultou num radical abdicar:

minha mãe de longe
quanto sonho vês?
— nunca tive sonhos
nem uma só vez

Outra nota, se não absolutamente ausente desta literatura, pelo menos nela inusitada, reside no protesto social:

minha mãe de longe
haverá saída?
— sempre nos roubaram
só foi morte a vida

Nesta faceta Urbino de San-Payo, vindo para o exílio de um tempo e espaço de contestação alheio à experiência de quase todos os outros poetas deste grupo, contrasta em absoluto com a atitude de submissa aceitação que permeia muita da produção destes, em especial a de arranque popular.

Um segundo poema, «Emigrantes», também inédito, apresenta uma estrutura formal assentando em jogos verbais e conceptuais que mau grado o seu carácter quase lúdico não diluem a acuidade da mensagem, pautada por vocábulos como *dor* e *mágoa* e rematada pelo grito «FALTA O AR». Esta metafórica mas não por isso menos angustiante falta de ar, no caso particular do poeta não pode deixar de representar a dolorosa impossibilidade de integrar os seus padrões intelectuais, mais que emocionais, num clima que lhes é adverso, uma posição poética atípica desta faixa lírica.

«Emigração 82»¹⁰⁶ consiste essencialmente numa sucessão de sintagmas em alto nível de condensação conceptual. Ainda que na sua maioria incidindo sobre aspectos mais latos em

¹⁰⁶ Urbino de San-Payo, *Plural Transitivo*, op. cit., p. 23.

realidade que os da emigração, contém num só verso uma eloquentíssima sùmula da dicotómica situação do emigrante: «mesinha farta de fome».

Nestes poemas Urbino de San-Payo não se desassocia pois violentamente das constantes de repúdio do presente e de tentativa de recuperação do passado que caracterizam a literatura lusa da emigração californiana. O que o faz divergir da maioria dela é a tendência para uma universalização da problemática e, no aspecto formal, a hábil e pessoalíssima manipulação do verbo, em especial o arrojado metaforismo com que aborda o agónico binómio do estar-se e não se ser.

O poema que encerra *Plural Transitivo* tão-pouco abandona esta linha temática, se bem que nele a tónica do desespero se expresse por uma linguagem mais imediata e mais agressivamente popularizante do que a habitual no poeta:

Pois é natal e minha mãe que sombra? tão solitária como a noite em pé e meu irmão dizendo por que somos sós? e eu danado cala aí ó zé	que porra esta cala aí o bico não digas nada não me botes dó
Beverly Hills tanto rato rico e meu irmão dizendo que natal tão só	Eu vou-me embora minha terra querida foda-se a massa já não posso mais para que vale esta puta vida árida e seca sem irmãos e pais? ¹⁰⁷

O prisma individualístico discernido no poema «Emigrantes» predomina também numa série de crónicas, sob o título comum de «Cartas da L.U.S.A.lândia», que Urbino de San-Payo tem vindo a publicar em *The Portuguese Tribune*. Nelas mete-se

¹⁰⁷ *Idem*, p. 94.

na pele de um emigrante de limitada educação que explica o seu novo espaço vital em cartas endereçadas à mulher, apoiando-se para isso nas opiniões mais esclarecidas de um compatriota de nome Lucas. A temática discutida, em comentário a várias facetas da vida social, política e cultural americana, transcende em muito os parâmetros do emigrante comum, numa flagrante contradição com as supostas carências educativas do correspondente. Também aqui a frequente nota de protesto social, sobretudo a denúncia da exploração económica do assalariado, não poderia estar mais longe da tomada de posição tradicional do emigrante português na Califórnia, conciliado com a sua situação laboral e completamente desidentificado de qualquer militância. Por outro lado, no plano formal, o deliberado aportuguesamento de termos ingleses que o autor utiliza não corresponde ao uso corrente do *Port-english* pelo emigrante padrão. Aqui de novo se detecta o distanciamento vivencial de Urbino de San-Payo, limitado nos seus contactos, como atrás se apontou, ao estrito círculo de certa especificidade urbana e longe portanto das idiossincrasias linguísticas da grande massa migratória rural ou fabril.

Nesta linha da problemática da emigração um dos mais significativos, pertinentes — e dicotómicos — textos deste autor é o seu «Vôo sem Pássaro Dentro»¹⁰⁸. Num diálogo travado a um nível semi-lírico¹⁰⁹ e semi-popularizante foca-se o traumático tema do retorno: durante uma reunião de amigos e familiares um emigrante anuncia o seu desejo de voltar, no que é contrariado pelos outros. O seu argumento central é o desejo de liberdade, outra inflexão pouco plausível com a mundividência geral mas coerente com a de Urbino de San-Payo. A frase do protagonista «Se lá vivi uma porrada d'anos

¹⁰⁸ *Ibid.*, pp. 69-70.

¹⁰⁹ «... belos pedaços de prosa poética a testemunhar a (nossa) sobrevivência possível», Vamberto A. Freitas, «Urbino de San-Payo e o seu Jornal de Emigração», *The Portuguese Tribune*, 30 de Setembro de 1982.

d'asas atadas, melhor viverei agora com elas soltas»¹¹⁰ de modo algum espelha o sentir comum do emigrante, indiferente se não adverso às conquistas de Abril. Já o outro argumento «Lá vi a luz pela primeira vez e lá a quero ver pela última»¹¹¹ traduz do seu emocionalismo um cunho de muito maior autenticidade em relação aos esquemas prevalentes.

Dada a incipiência desta dimensão, será claramente prematuro formular juízos finais à obra de Urbino de San-Payo sob o ângulo da experiência migratória. A continuar ele nesta linha, é contudo factível prever uma reformulação que a aproxime do magnífico realismo lírico que sublinha a sua produção de temática pré-americana.

12. A (ocasional) poesia popularizante de dois professores universitários

Alberto Machado da Rosa e Manuel Bráulio da Costa Fontes, embora vindos de níveis etários distintos, oferecem impressionantes coincidências de trajectória vital e de perspetivismo poético quanto ao processo emigrante. Ambos terceirenses, ambos produtos de uma educação superior norte-americana, ambos professores universitários, ambos com publicações de carácter académico, ambos poetas esporádicos, dir-se-ia que quase por desfastio, ambos teluricamente ligados à sua cultura insular, nas suas raras experimentações líricas convergem numa mesma pessimista visão do fenómeno da ruptura com a terra de origem.

Alberto Machado da Rosa, nascido em 1924 em Angra do Heroísmo, licenciou-se em Filologia Germânica pela Universidade de Coimbra e doutorou-se em Literaturas Hispânicas pela

¹¹⁰ Urbino de San-Payo, *Plural Transitivo*, op. cit., p. 70.

¹¹¹ *Idem*.

Universidade de Wisconsin. Nesta última exerceu também o magistério até 1964, ano em que se transferiu para a Universidade da Califórnia em Los Angeles. Faleceu em Monsaraz (Alentejo) em 1974. Foi o fundador e director do Centro Luso-Brasileiro da Universidade de Wisconsin, o organizador e director do primeiro «Junior Year Abroad» na Universidade da Baía e o fundador e director da *Luso-Brazilian Review*. Autor de numerosos artigos e ensaios, publicou também *Eça, Discípulo de Machado?* e organizou a recolha de escritos dispersos de Eça de Queirós, que apareceram entre 1965 e 1966 em cinco volumes com o título *Prosas Esquecidas*.

Os ecos da emigração parecem ter ressoado apenas num dos seus poemas, «Ir e Voltar»¹¹². Encabeçado por um epígrafe de outra cantora da ausência, Rosalia de Castro, («Deixo amigos por estranhos / deixo a veiga polo mar / deixo, en fin, canto ben quero ... / ¡Quen pudera non deixar!»), este poema, desenvolvido numa quadra inicial e outra final e numa sequência de dísticos heptassilábicos com rima alterna em *ar*, oferece uma estrutura tripartida: «princípio», «meio» e «fim». A primeira parte rompe com uma internalização das circunstâncias da abalada, de forte carga antinómica:

Ai triste de quem é triste
na travessia do mar!
Tem uma dor de partir
e tem medo de chegar.

Passa no barco seus dias
sem dormir e a sonhar.

Come o arroz de terceira
com ganas de vomitar.¹¹³

Vê sua terra sorrindo,
vê sua getne a chorar

A narrativa passa depois a focalizar as estranhezas dos primeiros contactos com o novo país e o desânimo que se apossa

¹¹² Alberto Machado da Rosa, «Ir e Voltar», *Mester*, II, no. 1, Janeiro de 1971, pp. 26-30.

¹¹³ *Idem*, p. 26.

do emigrante, criando-lhe desde então o desejo do retorno. O «meio» começa por traçar o percurso existencial do protagonista uma vez estabelecido, jogando habilmente com a dicotomia do tempo real e do psicológico:

Os anos passam depressa
e os dias devagar.

Nunca mais lhes escreveu,
já nem sabe soletrar!

Passam anos e mais anos,
quem os pudesse parar!

O livro que a Mãe lhe deu,
onde é que foi parar?

Trabalha dias e noites
a vender e a comprar.

Orações que bem sabia,
não sabe mais recitar.

Compra e vende, noite e dia,
não tem tempo de pensar.

Só diz palavras mal ditas,
quem é que o há-de ensinar? ¹¹⁴

Esqueceu a sua gente,
não tem tempo para amar.

Apesar deste desfasamento em relação à cultura de antanho, um dia resolve liquidar todos os seus bens e regressar à pátria. A fase de reculturação, que nesta parte começa a esboçar-se, ou antes a sua falha, eram por certo bem conhecidas de Machado da Rosa, ele próprio filho de emigrante retornado: chegado com malas novas, a abarrotar de presentes, o «americano» ¹¹⁵ é recebido com todas as honras por pessoas educadas que o fazem contudo sentir-se inferiorizado. O «fim», algo apressado, acentua o mecanismo do desencantamento: apesar

¹¹⁴ *Ibid.*, pp. 27-28.

¹¹⁵ No poema não se menciona explicitamente o facto de o país de adopção ser os Estados Unidos mas todas as alusões ao ambiente fazem-no inferior.

de ter construído um casa rica, adornada com duas bandeiras,
o emigrante não se realiza e pensa já em partir de novo.

Mas a morte, a negra morte,
não o deixou embarcar.

Quando o sol ia saindo
lá o foram sepultar.

Ai triste de quem é triste
na travessia do mar!
deixou tudo ao partir
nada encontrou ao chegar.¹¹⁶

A magnífica fluidez do poema, conseguida através de uma singela linearidade, acentua a faceta emocional que a poesia do afastamento sempre tão insistentemente acusa. É na quadra final, apresentada em tom quase de moralidade, que se encapsula este já antes aludido síndrome do Velho do Restelo. Não deixa de ser curioso notar como Machado da Rosa, lúcido e erudito observador da circunstancialidade emigrante, como o prova toda uma série de significativos apontamentos ao longo do poema, compartilha com os autores de extracção popular uma visão quase unificatória do fenómeno. Nenhum deles valoriza o facto da realização económica, no fundo a motivação essencial para a partida, e pelo contrário todos enfatizam o dramático desgarramento cultural e emocional com que o emigrado se debate.

Manuel Bráulio da Costa Fontes nasceu em 1945 e depois de completado o quarto ano do liceu em Angra do Heroísmo acompanhou a família na sua vinda para a Califórnia, onde continuou os seus estudos, ao mesmo tempo que trabalhava como ordenhador. Depois de uma frequência universitária de dois anos alistou-se no Corpo de Fuzileiros Navais e prestou serviço no Vietname. De regresso aos Estados Unidos reco-

¹¹⁶ *Ibid.*, p. 30.

meçou os seus estudos, tendo obtido um bacharelado e um mestrado em Espanhol. Mais tarde transferiu-se para a Universidade da Califórnia em Los Angeles onde lhe foi concedido um doutoramento em Línguas e Literaturas Hispânicas com uma dissertação sobre o conto popular oral entre os emigrantes portugueses na Califórnia. O seu extenso e valiosíssimo trabalho de recolha e análise do romanceiro português concretizou-se na publicação de numerosos artigos e de várias coletâneas.

Dois poemas deste autor inserem-se na temática migratória. Um deles, aliás, denota certo paralelismo de fundo e forma com «Ir e Voltar»:

Saudade

Pôs-se a nadar
no meio do mar,
dizendo p'rá terra:
— Eu hei-de voltar!

Choros vão no porto,
lenços a acenar,
todos muito tristes
por ele embarcar.

Por cima o céu,
em volta só mar;
esqueceu a dor
e deu em sonhar.

Lá na terra nova,
muito trabalhar,
que depois de rico
podia voltar.

Dali a alguns dias
pensou em casar
e moça da terra
levou ao altar.

Os dias passaram,
filhos a chegar;
só a língua nova
sabiam falar.

Aprender a velha?
nem nisso pensar!
Não tinham nascido
no meio do mar.

Tinha saudades;
mas como voltar,
se ele não podia
os filhos deixar?

Dali a três dias
foi a enterrar;
já não prometia
um dia voltar.¹¹⁷

¹¹⁷ Poema inédito, composto em Maio de 1973.

Tal como Machado da Rosa, Costa Fontes aponta alguns dos componentes mais flagrantes do itinerário emigrante, neste caso a angústia da partida, o anseio do regresso manifestado desde o primeiro momento, a labuta incessante, o casamento etnicamente compatível e o fosso generacional ilustrado aos níveis linguístico e emotivo. Uma inferência histórica pertinente é a da emigração clandestina, denotada pelos versos «Pôs-se a nadar / no meio do mar». Outro ponto de contacto consiste na visão pessimista do fenómeno, nos dois casos solucionada através de um desfecho trágico, embora em circunstâncias distintas. Detentores muito conscientes de uma experiência migratória e interessadamente receptivos a experiências alheias, estes dois poetas optam por um estilo quase esquemático mas de excelente eufonia para sublinhar um desenvolvimento vivencial que a ambos se afigura condenado a um fracasso espiritual.

Em «Os Emigrantes», Costa Fontes mantém a mesma atitude de desesperança, aqui aliás contida num enquadramento de fatalismo histórico que lhe confere um certo tom de universalidade:

Por terras distantes
Entre sofrimentos
Cavaleiros andantes
Nas asas dos tempos
São os emigrantes.

É triste o destino
Do povo do mar
Sempre condenado
A Pátria deixar
A andar embarcado.

A andar embarcado
Com fé na ventura
Pelo mar irado
Buscando a fortuna
Como no passado.

Fortuna ilusória
Jamais encontrada
Ilusão de glória
Apenas sonhada
Não mais que memória.

Não mais que memória!

Por isso eu digo:

Por terras distantes
Entre sofrimentos
Cavaleiros andantes
Nas asas dos tempos
São os emigrantes.¹¹⁸

¹¹⁸ *Jornal Português*, 18 de Outubro de 1973.

O *staccato* sugerido nos dois poemas através da preferência pelo andamento pentassilábico confere-lhes um certo tom de frescura, de modo algum incompatível de resto com a gravidade da tónica. O mesmo se pode afirmar de outro poema, «O Mar da Minha Terra», também composto num verso curto, a que pertence o fragmento seguinte:

O mar da minha terra	O mar da minha terra,
Nunca está sossegado;	Sempre encapelado,
É um mar sempre em guerra	É um mar que aterra
É um mar sempre irado.	A quem ouve o seu brado. ¹¹⁹

O poema representa como é óbvio a vertente retrospectiva da lírica da emigração. Nela Costa Fontes afasta-se contudo do habitual tom adocicado da reminiscência poética para dar uma panorâmica de dureza e hostilidade.

Poeta ágil, dominando como Machado da Rosa técnicas de simplificação formal, apoiadas num paralelismo de fundas raízes, que os aproximam do tom popular, na sua escassa produção Costa Fontes não abandona sensivelmente as preocupações da veia tradicional da lira emigrante, ainda que as expresse de forma mais subtilizada do que a maioria dos outros autores, em geral de mais limitada preparação técnica.

13. A Geração Universitária

Uma posição de relativo vanguardismo, aliás bastante mais de forma do que de mensagem, é representada na literatura emigrante por um grupo de autores que se revelam marcados por uma formação educativa e vital sensivelmente comum. Todos rondando agora a casa dos trinta anos, de formação universitária americana e dedicados quase todos a acti-

¹¹⁹ *Jornal Português*, 23 de Março de 1976.

vidades pedagógicas, sobretudo a nível secundário, chegaram em geral à emigração nos princípios da adolescência e foram portanto moldados por métodos mais pragmáticos e racionalistas do que aqueles a que tinham sido sujeitos antes. O seu reencontro com a cultura portuguesa deu-se sempre já a nível universitário, o que resultou num perspectivismo mais académico de que são eco as reminiscências literárias pátrias que por vezes assomam nos seus escritos.

Entre estes autores conta-se Rosa Maria Simas, nascida em 1950 em Santo Amaro, Ilha do Pico, mas vinda com três anos com sua família para a América. Terminou o curso liceal em Sacramento e frequentou a Universidade da Califórnia, dedicando-se depois ao ensino do português e do espanhol, à preparação de material didáctico e ao estudo do folclore açoriano. Presentemente prepara uma dissertação de doutoramento sobre Vitorino Nemésio na Universidade dos Açores, onde também está encarregada de aulas de inglês.

A sua poesia acusa necessariamente a ruptura do cordão umbilical com a ilha mãe, verificável tanto no aspecto das suas vivências como no da própria espontaneidade linguística. De facto, ao evocar a terra de origem deixa entrever uma mundividência que denuncia prismas inusitados nos padrões mais comuns da literatura emigrante de retrospectiva. Assim, em vez de paisagística suave ou do apontamento castiço, Rosa Maria Simas foca com o seu olhar elementos de maior indefinição, como no poema abaixo:

Amadora

O miradouro no quintal de Dona Estefânia
foi onde primeiro
me enamorei
da irreabilidade
Lagartos lambiam lapas
negras pedras embebiam
o quente
o mar engolia a miragem lá longe

Sérgio apalpava a
novata cabrita
titubeava
perninhas
E uvas amadureciam
o cheiro
de vindimar ¹²⁰.

Por outro lado nota-se nesta autora um ligeiro anquilosamento de expressão, de resto em parte camuflado, no que diz respeito ao grau de vernaculidade, pelas suas frequentes experimentações sintácticas, facto que se pode detectar no poema acima transcrito.

A habitual linha de tentativa de superação da distância geográfica pela emocional reveste-se num poema de Rosa Maria Simas de curiosos ressaibos bíblicos, presumivelmente por via camoniana, e de uma conseguida transposição de elementos culturais e linguísticos:

Salmo 137 - II

Junto dos vales da Calafona, a gente aguámos
e chorámos por ti, ai, Ilhas Queridas.
Nossas guitarras suspendidas num lamento de fado;
nossos bandolins fingindo uma roda de chamarrita.

Eles que nos enfatuaram com dólas e mechins ¹²¹
que nos encantaram com a Terra de Coke e Sara Lee.
«O senhor desculpe» um povo que
«não tem memória», não tem fala.
Como vamos sepultar vergonha numa terra alheia?

que meus olhos sequeem para sempre o verde do campo.
Se me esquecer de ti,
que minhas narinas respirem nunca mais o fôlego do mar,
se não palpitaes sempre, Santo Amaro, no meu peito. ¹²²

¹²⁰ Rosa Maria Simas, «Amadora», poema inédito.

¹²¹ «Carros ou máquinas» (do inglês *machines*).

Um elemento distintivo na poesia de Rosa Maria Simas consiste no tratamento da dimensão feminina. A mulher emigrante é destacada sobretudo através da sua laboriosidade, embora aspectos relativamente fúteis não escapem também à observação da autora:

pés continentes galgam ...

braços groçarias ¹²³ acartam
 mão frutas encanam ¹²⁴
 dedos televeijas ¹²⁵ escolhem
 peitos saudades suspiram
 corações ilusões embebem
 beijos lipesteque ¹²⁶ ostentam
 olhos superfície medem
 cabeças potente murcham ¹²⁷

Como se pode observar nos dois últimos poemas, a essencialidade emigrante é reforçada por uma hábil utilização de tonalidades linguísticas que incluem regionalismos e anglicismos de uso corrente na variante dialectal luso-californiana. O deliberado emprego destas características confere aos poemas um convincente tom de verismo e contribui para os inserir num novo espaço da lírica emigrante, muito mais conscientemente atento ao clima vivencial do que a poesia de marca tradicionalista que o precede.

De idêntica técnica lança mão Pedro Valadão da Costa, já atrás citado a propósito da poesia circunstancial. Nascido

¹²² Rosa Maria Simas, «Salmo 137-II), *The Portuguese Tribune*, 18 de Agosto de 1980.

¹²³ «Artigos de mercearia» (do inglês *groceries*).

¹²⁴ «Enlatam» (do inglês *can*).

¹²⁵ «Televisões» (do inglês *televisions*).

¹²⁶ «Baton» (do inglês *lipstick*).

¹²⁷ Do poema «Forte Mulher», *The Portuguese Tribune*, 14 de Agosto de 1980.

em São Tomé mas de ascendência e formação terceirense, veio jovem para os Estados Unidos. Licenciou-se pela Universidade Estadual da Califórnia, em Fullerton, e dedicou-se depois ao magistério no Programa Bilingue Português na cidade de Artesia ¹²⁸, assim como a outras actividades que incluem a rádio, o jornalismo e a produção de material educativo.

Tal como Rosa Maria Simas, Valadão da Costa sabe combinar uma lúcida — ainda que no caso desenganada — perspectiva do seu tempo e das suas circunstâncias com a consuetudinária visão saudosista. A contraposição dos dois estádios vitais, o do antes e o do agora, emergindo como um toque de novidade nesta literatura, revela-se especialmente realizado no poema seguinte:

Outono

lembro-me do outono doutros tempos ...
o rugir do vento norte,
folhas amareladas voando pelo ar,
a gola do casaco levantada,
e um frio pernicioso a penetrar os ossos
e ao fim da rua o homem das castanhas ...
«quem quer quentes e boas, quentinhas?»

*

aqui na LUSALândia californiana
o vento sopra poucas vezes
e as árvores têm folhas que não caem
o frio que sinto às vezes
não há casaco que o agente
e as castanhas vendem-se frias na marqueta ¹²⁹ ...
aqui, quando queremos o outono
ligamos a nossa televeja

¹²⁸ Os programas bilingues são cursos especiais destinados a facilitar a adaptação da criança emigrante ao sistema escolar americano e a manter viva a cultura dos diferentes grupos étnicos.

que obediente nos serve
realidade enlatada para todos os gostos —
ventos, brisas, furacões tropicais,
bucólicas paisagens de árvores nuas,
imagens de terras distantes
onde o Outono talvez ainda tenha alma
e a alma ainda talvez saiba sentir
a nostalgia do outono.¹²⁹

Na mesma linha de desfasamento com as condições encontradas além-Atlântico, Valadão da Costa reage a elas com um poema que, na tónica da lírica emigrante tradicional, constitui muito mais angustiado lamento que grito de denúncia:

Vimos, vimos e venceram-nos

Vimos, vimos e venceram-nos.
E por aqui ficámos nesta «ilha»,
rodeada de América por todos os lados.

Vimos com os olhos cheios
do céu azul ilhéu e dos pastos verdes,
com o cheiro fresco
a hortênsias, a uvas e a maresia,
com o sabor nos lábios
a vinho de cheiro, a lapas e a bodeão,
com os sons saudosos
das ondas e foguetes das touradas,
com a pele sentindo ainda
a brisa do mar e o morno sol açoriano.

E ao chegarmos à «terra prometida»,
vimos o mar e céu cinzentos, poluídos,
freeways e arranha-céus.
Cheirámos smog e odores mil
de comidas estranhas ao olfacto.

¹²⁹ «Supermercado» (do inglês *market*).

¹³⁰ Pedro Valadão da Costa, «Outono», *The Portuguese Tribune*, 29 de Janeiro de 1981.

Provámos o suor do rosto em fábricas de «East»
e em leitarias da Califórnia.
Ouvimos a estridente música rock
e a língua complicada «dessa gente».
Sentimos as neves frias do Massachusetts
e o calor de rachar do Sudoeste.

E venceram-nos ...
Os caciques, líderes de comunidades,
os políticos e os comerciantes oportunistas,
os patrões injustos e as ideias racistas,
as leis que nunca entendemos bem
e a língua de quem não quis entender-nos.

Vimos, vimos e venceram-nos.
Resta-nos porém o consolo
de saber que nunca nos venceram
na honra ou no trabalho honesto,
e nesse sonho de vencer na vida
que nos fez atravessar o oceano.¹³¹

Pese ao tom levemente anti-climático da última estância, o poema oferece um emocionado reflexo da sensibilidade poética emigrante, sempre transcendendo níveis etários e culturais na sua nostálgica sobreestima do passado e na sua negativista concepção do presente.

Maria Canto e Castro, faialense, veio ainda criança para os Estados Unidos. Concluiu uma licenciatura em Espanhol e frequentou depois um programa post-graduado de Estudos Luso-Brasileiros, tendo mais tarde voltado à universidade para se especializar em Economia. Em 1975, a seguir a uma viagem aos Açores, publicou dois poemas em que o pano de fundo é

¹³¹ Pedro Valadão da Costa, «Vimos, Vimos e Venceram-nos», *The Portuguese Tribune*, 6 de Agosto de 1982.

a emigração. «Grito do Imigrante» abre com aquela nota de alienação que já se encontrou na poesia de Valadão da Costa:

Nestas terras emprestadas,
nestas cores falsas,
cópias da realidade,
eu pensei:
E se eu não fosse eu,
quem seria? ¹³²

Em «Gritos da Minha Terra» — e note-se a carga emocional implícita nos dois títulos — Maria Canto e Castro pinta um panorama de alucinação e de desmoronamento do passado causados pela partida:

Avelina grita à janela,
o homem no Canadá.
E os meninos?
E o pão nosso de cada dia?
A doida chora baixinho.
A filha foi ao padeiro.
— Não, não foi. Fugiu.
Não sabias?
— Não, não foi a filha, mulher.
Ela foi buscar o pão.
Foi o filho. Fugiu.
Fugiram todos!
Um grito corta a paz da aldeia.
Um choro abafado me acompanha ao cais. ¹³³

A aguda sensibilidade da autora, revelada também através de vinhetas poéticas em inglês, leva-a a aportar a esta literatura um cunho de nítida originalidade, na medida em que

¹³² Maria Canto e Castro, «Grito do Emigrante», *Jornal Português*, 20 de Fevereiro de 1975.

¹³³ Maria Canto e Castro, «Gritos da Minha Terra», *Jornal Português*, 20 de Fevereiro de 1975.

arranca de elementos quase minúsculos para chegar a dimensionamentos colectivos.

Ainda outro poeta, José Luís da Silva, nasceu em Ponta Delgada em 1949 e formou-se na Universidade Estadual da Califórnia, em Hayward, dedicando-se na actualidade ao magistério secundário. Recebeu um primeiro prémio de poesia num concurso organizado pelo Fundo Literário Luso-Americano, da Universidade Estadual da Califórnia, em Sacramento, e um segundo prémio nos Jogos Florais Camonianos, patrocinados pelo Centro Luso-Brasileiro da Southeastern Massachusetts University. Escreve também conto e é autor de uma peça teatral, *Presépio*, em que encara a problemática do fosso generacional, acentuado pelo biculturalismo dos luso-descendentes.

O traumatismo emigrante materializa-se na poesia de José Luís da Silva por duas vias, a da interiorização e a da retrospectiva, num patente repúdio da actualidade circundante. É significativo anotar que mesmo em dois poemas cujos títulos denotam as circunstâncias presentes e portanto referenciam momentos vitais concretos, as linhas de força se orientam todas para dentro e para antes. «Trilogia do Emigrante» oferece uma estrutura circular formada por uma quadra que se repete no fim da composição e três outras quadras intermédias. O momento poético é o da partida, a tónica a da nostalgia:

O emigrante sorri
E com mão trémula acena
P'ra o que deixa atrás de si
E até de si sente pena.¹³⁴

«Cancioneiro Pós-Açoriano» traduz a tentativa de recobro do antigamente. A realidade deixada do outro lado do mar suaviza-se, eteriza-se quase «no doce nevoeiro dos sentidos»¹³⁵.

¹³⁴ José Luís da Silva, «Trilogia do Emigrante», poema inédito, de 1978.

¹³⁵ *Idem*.

O elemento concreto da separação pode aqui e ali marcar a sua presença mas assoma através do quase inefável:

A rosa-dos-ventos rodou
E apontou para o fim do mundo:
O pássaro branco partiu
E nunca mais voltou.¹³⁶

A aura de indefinição que envolve o passado estilhaça-se contudo no plano linguístico num momento do poema em que o autor apela para uma forma de expressão inconfundivelmente açoriana: «Vai balhar a sapateia / Com trezentos mafarricos»¹³⁶.

Na mesma linha deste poema situa-se «Meditações», onde a infância ressalta como o elemento mais puro e cristalino do passado. As singelas memórias dessa época são ressuscitadas com a angústia do presente, da «praia nua do meu surdo ter de ser»¹³⁷. Através destas composições José Luís da Silva marca uma muito nítida presença dentro da sua geração. É uma voz poética que denuncia uma rara sensibilidade, sublinhada por um seguro domínio da palavra. Por toda a sua produção perpassa uma atmosfera de dor, claramente explicitada por uma vigorosa imagética:

Um punhal
Um punhal afiadíssimo
Com veio de sangue
Punhal de morte
Punhal de drama
Dentro de mim¹³⁸.

¹³⁶ *Ibid.*

¹³⁷ José Luís da Silva, «Meditações», poema inédito.

¹³⁸ *Idem.*

António Baptista Rico, que assina os seus poemas t b rico, nasceu na Fuzeta (Algarve) em 1945. Frequentou o liceu de Faro até ao quarto ano e emigrou para a Califórnia em 1960. Depois de obter um mestrado em Estudos Luso-Brasileiros pela Universidade da Califórnia, tem exercido o magistério em Los Angeles, tanto ao nível secundário como universitário.

A dimensão emigrante encontra-se representada nos seus poemas pela redescoberta da terra natal. Vários deles são constituídos por apontamentos quase inconsequentes, pequenas vinhetas captadas em épocas de visita a Portugal:

Praça Humberto Delgado

Quando estive lá no Porto
Presenciei esta como muitas outras vistas
Uma mulherzinha de lenço preto ao léu
Que Nosso Senhor viesse lá do céu
Reprender todos estes comunistas ¹³⁹.

Na linguagem mais directa destes poemas evidencia-se o distanciamento em relação ao idioma pátrio, um traço que em outras composições, integradas nas novas constantes vivenciais, é camuflado por um frequente metaforismo:

No brilho da moeda caída
No nevoeiro da tua voz
Nada mudou senão o céu

Vieram-te gotas de sangue
Saíram-te adultérios sem fim
Tudo te importa e nada é ¹⁴⁰.

Bem inserido no ritmo existencial americano, isolado do quotidianismo da grande massa emigrante, António Baptista

¹³⁹ Poema inédito.

¹⁴⁰ t b rico, «Um Novo Te Deum», poema inédito.

Rico produz uma poesia hermética, de uma imagética ousada e dura, quando se afasta da temática do reencontro com a pátria. Mesmo nela, contudo, o elemento da saudade, a «lembrança das antigas primaveras»¹⁴¹ subsiste episodicamente no meio da sua usual indefinição espacial ou temporal.

Um leve toque de exotismo é dado a este ciclo poético por José da Silva Gonçalves, nascido em 1950 na Ilha Brava, Cabo Verde. Tendo emigrado para os Estados Unidos aos catorze anos, completou um mestrado em Estudos Luso-Brasileiros na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, onde agora está em vias de terminar um doutoramento em Ciências Pedagógicas.

Escrevendo em português — um português algo artificial por vezes — e em crioulo, tanto num caso como noutro não diverge substancialmente da pauta tradicionalista que preside à atitude dos seus companheiros de exílio. De facto a «sodadi» / saudade mostra-se constante primordial na lírica de todos eles. Também José da Silva Gonçalves escreve olhando para trás, materializando a memória da sua ilha:

Djabraba bô é doce,
 flor querida di nha peto.
 Amor sem começo, amor sem fim,
 amor só pa bô, nha terra.¹⁴²

Noutra morna acentua o aspecto doloroso da partida para a emigração, a *hora di bai* tão amiúde focada na literatura

¹⁴¹ t b rico, «Em Busca de uma Vaga Utópica Certeza», *Jornal Português*, 7 de Julho de 1977.

¹⁴² José da Silva Gonçalves, «Es Morna», poema inédito. Tradução: «Ilha Brava, tu és doce, / flor querida do meu peito. / Amor sem começo, amor sem fim, / amor só por ti, minha terra».

caboverdiana, mas enquadra-a em circunstâncias alheias à sua própria experiência:

Caminho di Santomé

Mãe: «Ai, ai qui sodadi qu'im tem,
di nha fidjinho qui dja bai,
pes caminho di Santomé.»

BIS

«Quel carta branca qu'im recebê,
el enganam, era mortal,
nha fidjinho morrê també,
oh nha fidjo! Oh qui sodadi!»

Filho: «Mamã, djam câ podê
carga na costa lebam nha vida,
nha fé cabã, fica só tristeza,
ondras di mar bebem nha lágrimas
Oh mamã! Oh qui sodadi!»¹⁴³

Este posicionamento neo-romântico é superado noutros poemas, ainda que o pano de fundo da nostalgia também os caracterize. O esquematismo estilístico pode ser abandonado, a imagética pode refinar-se mas o sentimento permanece:

Quando o mar se escrevia igual ao verbo amar
queria ser marinheiro
marinheiro naquele mar juvenil — naquele mar sempre imenso —
naquele mar onde estão ancoradas as mais azuis alegrias
que me entrelaçam aos lamentos daquelas ilhas
— isoladas —
ignoradas por tudo
menos o uivo do ulcerante vento-leste.¹⁴⁴

¹⁴³ Poema inédito. Tradução: «Mãe: «Ai, que saudade que tenho / do meu filhinho que foi / por esse caminho de São Tomé.» / BIS «Aquela carta que recebi / enganou-me, era mortal, / o meu filhinho morreu também, / Oh meu filho! Oh que saudade!» / Filho: «Mamã, já não posso / carga nas costas levou a minha vida, / acabou a minha fé, ficou só tristeza, / ondas do mar beberam as minhas lágrimas. / Oh mamã! Oh que saudade!».

¹⁴⁴ José da Silva Gonçalves, «Marinheiro de Infância», poema inédito.

O poema desenrola-se depois numa linha lírica mas atenta a uma muito específica realidade, orientando-se para um desfecho que reflecte uma das preocupações chave da literatura caboverdiana autóctone: o marinheiro percorre os mares em busca do tesouro que «mais rico e mais amado que um 'americano'» viria trazer ao seu povo — a chuva. O motivo do marinheiro — e porque não ler «emigrante»? — surge também em dois outros poemas inéditos, «Marinheiro de Infância» e «Hino ao Emigrante», nos quais de igual modo se avoluma o dilemático confronto do ficar e do partir, certamente mais agudo ainda no contexto histórico caboverdiano do que no açoriano.

Quanto trata o presente, a poesia de José da Silva Gonçalves desliga-se do particularismo do ambiente e de certo modo perde algo de vigor emotivo. A sua linha de força mais nítida é pois o retorno espiritual à ilha de origem, ainda que ela possa afigurar-se de memória nebulosa: «Ó ilha mãe! Já não sei se tu existes deveras lá no meio do mar / ou se és a ilusiva fabricação das íntimas horas de ansiedade»¹⁴⁵.

Outro membro desta geração afirma-se exclusivamente através do jornalismo. Vamberto A. Freitas, natural das Fontinhas, Terceira, veio na sua adolescência para a Califórnia. Formado pela Universidade Estadual da Califórnia, em Fullerton, desempenha o cargo de professor do programa bilingue português na escola secundária da cidade de Cerritos. Além de se ter dedicado à rádio, é correspondente do *Diário de Notícias* de Lisboa, jornal onde publica estudos, reportagens e entrevistas de temática americana, e colabora em jornais açorianos e de emigração. Tem-se revelado um perspicaz observador não só da vida portuguesa nos Estados Unidos como da actualidade política do seu país de adopção. Extremamente bem documentado sempre, os seus trabalhos constituem lúcidas

¹⁴⁵ José da Silva Gonçalves, «Hino do Emigrante», poema inédito.

análises de situação e, para além disso, um significativo contributo para uma apreciação da presença lusa na América do Norte ¹⁴⁶.

Nesta geração universitária a visão retrospectiva ainda transparece pois a cada passo, embora formulada com uma subtileza formal ausente na maioria dos poetas que antecederam. A inapetência ante o tratamento do hoje emigrante observa-se como outro traço de união com os cultores da lírica da saudade. Nas raras excepções a esta tendência a geração mais jovem traz contudo o contributo de uma análise mais global, que contrasta com o prisma vivencial e tantas vezes restrito a uma experiência individual, que caracteriza a poesia de cunho diarístico.

14. *A guisa de conclusão: o antes, o agora e o depois*

Um lançar de olhos, ainda que fugaz, sobre a trajectória da literatura da emigração portuguesa na Califórnia conduz a um certo número de conclusões imediatas, várias delas aliás já esboçadas no corpo deste trabalho. Em primeiro lugar impressiona o predomínio continuado e quase absoluto da poesia, uma característica por certo compartilhada com outras literaturas incipientes. Esta poesia desenvolve-se a dois níveis, um deles «artesanal», amiúde denunciando as impurezas linguísticas da genuína produção de raiz popular, o outro acusando certos laivos de erudição mas aferrado a discutíveis — e arcaizantes — modelos literários. Em qualquer dos casos, contudo, estes poemas mostram-se vigorosamente expressadores de uma funda e sentida experiência. Apenas na década de setenta começa

¹⁴⁶ Embora à margem desta geração universitária, haveria também que destacar, no campo do jornalismo, a actuação do picoense João Brum, director do semanário *The Portuguese Tribune* e nele autor de frequentes editoriais focando a vida comunitária.

este ritmo a ser fracturado por uma poesia jovem, de igual fundo inconsolado e saudosista, mas tentando mais ousadas experimentações formais, revelando maior segurança linguística e evidenciando uma perspectiva mais global e lúcida do caso migratório.

Um elemento a que acima se aludiu de passagem, a nota constante — e obsessiva — da nostalgia pelo passado além-Atlântico marca todo o percurso desta literatura. A quase doentia ênfase na saudade traz como corolário uma persistente indiferença ante o novo circuito existencial, indiferença essa apenas quebrada pela última geração, mais aberta à problemática do tempo em que vive. Note-se que a reanimação do passado e o repúdio da actualidade sem dúvida representam no plano literário os ecos da tradicional alienação da comunidade portuguesa ante as circunstâncias: sempre fechando o espírito ao que se desenrola para além do seu apertado círculo vital, esquivando confrontações ou até contactos, o emigrante luso assume em geral um comportamento de extrema passividade social, que se por um lado o torna ignorado pela grande massa, por outro consolida a sua interiorização cultural.

O fulcro da literatura emigrante concentra-se pois com muito mais intensidade no processo de desenraizamento do que no novo criar de raízes que fatalmente se lhe segue. O hibridismo cultural, ainda que atenuado no caso presente por uma forte adesão aos padrões de antanho mas de qualquer modo por necessidade existente, quase não tem lugar na página escrita. No máximo observa-se nas mais modernos uma certa tendência para analisar a estranheza da ambiência por que se optou. Neste plano torna-se curioso sublinhar os primeiros tentames de um uso deliberado — o inconsciente também se regista — do linguajar emigrês. Em qualquer dos casos, o lembrar o ontem e o constatar o hoje, prevalece uma atitude de abdicação, de pessimismo mesmo, por certo compatível em absoluto com as tendências gerais da lírica portuguesa de sempre.

E o futuro? É evidente que esta literatura oferece um carácter intrínseco de considerável efemeridade, já que é

produzida por e para um núcleo emigrante. Interrompido o fluxo migratório¹⁴⁷, a sua literatura ficará necessariamente condenada a tornar-se peça de museu. Uma literatura de mestiçagem linguística e cultural reflectindo uma sobreposição de valores, não parece factível, quer por parte da primeira geração quer por parte da segunda. Esta pouco se identifica com a língua portuguesa, em especial a escrita, não retém a intensa motivação que gera a literatura da angústia, não herda a tradição literária pátria. Não seria difícil contudo conceber que em seguimento da literatura emigrante, caso ela venha de facto a extinguir-se, surja um outro estrato literário de tonalidades étnicas, em língua inglesa, no qual luso-descendentes reavaliem a especificidade do seu grupo, à maneira do que se tem já registado com a literatura «chicana», ítalo-americana ou sino-americana, para citar apenas alguns exemplos mais flagrantes¹⁴⁸. A pergunta anteriormente formulada em relação à literatura luso-americana em geral «Existe?», haveria pois que acrescentar, face à luso-californiana, uma outra «Existirá?» e mesmo, na hipótese afirmativa, uma terceira, «Como existirá?».

¹⁴⁷ Uma possibilidade muito real, ao considerar as últimas estatísticas da emigração açoriana.

¹⁴⁸ Onésimo Teotónio de Almeida também não crê na possibilidade de criação de um «crioulo» luso-americano transmissível de uma geração para outra. («A Literatura Luso-Americana: Que Futuro? ...», *op. cit.*, p. 27.

APÊNDICE

PORTUGAL ATLÂNTICO E A AÇORIANIDADE

Quero rever as flores dos Açores
as hortências
cadências entre as fráguas
e voltar
pelos pássaros do dia
para a alegria verde dos rochedos.

Hei-de despetalar as roxas madrugadas
e nas águas deixar cair meu pranto;
depois me devolver ao manto das planícies
sem os lanhos da alma repartida.

Quero beber o aroma das paisagens
Sonhar viagens
tímidos ardores
e voar nos Açores
como pluma
a deslindar o canto das sereias.

Mil peias me separam dela, a Pátria
um peito maremorto de crateras
e esperas de outras eras pelas serras.

Erra o meu coração sozinho nos penedos
matizado de dores e arvoredos;
longe o meu berço e a pena tão vizinha
nas cores das asálias de carmim

Vim.
Porque parti
se a noite coloria
de chumbo e de cinzel
o céu em que eu dormia
e o solo era de relva
as fontes de cristais
e ali os meus ais em pétalas choravam?

Eu que adornava os montes de corbeilles
e contava nos dedos
leques de ternuras
hoje paro no ar
sem brincos de princesa
sem balanços de mar
aliciando o sono.

O amor era a medida do meu verso
universo perdido em poesia
e nas pontes frangidas de certezas
já desenhei
o esboço do meu ser.

Conter a voz das várias alvoradas
despertadas em mim
no hoje que eu perdi
é desatar a lágrima nas flores
e conformar anéis de pensamentos.

Não me apascenta a lua atormentada
no horizonte vulcânico da mente
e as lavas na memória vão queimando
cristalizando um rio de emoções .

Nossa Senhora chora nas angústias
a filha que hoje é ilha
no oceano;
nada em torno um jasmim
mais nada em torno
e o retorno é o caminho de ficar.

Lá ficou meu cantar
num canto d'ave mansa
e o medo de explodir
de anseio e de saudade.
Quem há-de retirar
ao triste retirante a pelúcia do mar
cobrindo-lhe a retina,
de amenas fumarolas
ver saltar corolas
e estames atômicos de mágoa.

O perfil dessa terra
encerra-se nos olhos
como um colosso ígneo de rocha;
e no entanto o meu pranto enfurna-se na alma
e escorre pela face um fio da irosão.

Coração emigrante,
grande é o teu destino
desmoronado escombros de ilusão.

São Miguel
leito e céu,
na linha divisória
a limitar a nossa soledad.

Minha cidade
vem da eternidade
erbácea protegida
do açoite e dos tufões;
semente pré-histórica,
homérica crisálida,
cálida gota de orvalho nos vulcões.

Agiganta-se a ausência
apruma-se o silêncio
pêncil no espaço
como um girassol.

Andejo nas aldeias
adeja a borboleta
caminhando no tempo
em vagas
procissões.

Se esta saudade é o mar,
a milha dos meus queixumes
vagalumes de esrtelas hão de me guiar.

Senhora das Angústias
dona dos amores
inda hei-de regressar
às ilhas dos Açores.

Maria da Graça Rios.

Composto e impresso nas Oficinas Gráficas
de Barbosa & Xavier, Lda.—Rua Gabriel
Pereira de Castro, 31-C — 4700 BRAGA